



# A TERNURA DE DEUS

PARA MEDITAR  
SOBRE A MISERICÓRDIA

CARLOS AYXELÀ (ED.)



# A TERNURA DE DEUS

PARA MEDITAR  
SOBRE A MISERICÓRDIA

CARLOS AYXELÀ (ED.)

# A TERNURA DE DEUS

Carlos Ayxelà (ed.)

© Gabinete de Informação do Opus Dei

**VERSAO 1**

[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)

# Índice

Apresentação

A Misericórdia na Sagrada Escritura

“Vai e faz o mesmo”: a Lei de Deus e a misericórdia

O coração aberto de Deus: misericórdia e apostolado

Com o carinho no olhar: misericórdia e fraternidade

“A Mim o fizeste”: as obras de misericórdia corporais

Uma serena atenção: as obras de misericórdia espirituais

Devolve-me a alegria da Tua salvação

Epílogo: Maria, Mãe de misericórdia

## Apresentação

“Se tendes no vosso coração uma inveja amarga e um espírito dado a contendas, não vos vanglorieis nem falseeis a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é a terrena, a da natureza corrompida, a diabólica (...) Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura; depois, é pacífica, indulgente, dócil, cheia de misericórdia e de bons frutos. (Tg 3,14.17).

A misericórdia de Deus é a sabedoria que vem do alto, o remédio que pode curar o mundo, porque é a única lógica que verdadeiramente o abraça. “Deus é um Pai - o teu Pai! - cheio de ternura, de infinito amor”[1]. E os filhos de Deus estamos chamados a acolher essa ternura, e a transmiti-la ao mundo inteiro, tão necessitado de compreensão, de perdão, de paz: dessa sabedoria que parece ingênua, mas que é o olhar mais lúcido para o coração do homem, porque é o olhar de Deus.

Este livro quer ser uma ajuda para continuar a meditar e encarnar este traço central do Evangelho que o Papa Francisco nos animou a redescobrir durante o Ano da Misericórdia, de modo que o encerramento do ano Santo não fosse um ponto de chegada “para passar a outra coisa, mas sim um ponto de partida para caminhar com entusiasmo renovado pelo caminho do nosso progredir cristão”[2]. Os escritos que este livro recolhe foram aparecendo no site do Opus Dei desde a abertura da Porta Santa em todos os lugares do mundo. Abordam a misericórdia sob diversos ângulos: a missão apostólica, a fraternidade cristã, o pecado e a penitência, as obras de misericórdia, etc[3]. Partindo da Sagrada Escritura, do magistério do Papa Francisco e dos seus predecessores, dos ensinamentos de S. Josemaria, abarcam elementos para a meditação e sugestões para a vida de cada dia, porque a chamada a ser “misericordiosos como o Pai”[4] está sempre presente.

A misericórdia não é um “olhar terno” do Evangelho: é o Evangelho, com toda sua realidade. Com a misericórdia, “Ou se penetra profundamente, ou não se entende nada”[5]: o amor escapa como a água entre as mãos da pessoa que calcula e coloca demasiadas condições. Durante o ano jubilar foi possível tentar que Deus dilatasse nosso coração[6]. Agora trata-se de prosseguir nesse caminho, porque “a caridade nunca acaba” (1 Co 13,8).

Da mão de Santa Maria, Mãe da misericórdia, vamos recolher a “água do poço da oração”[7] e da Reconciliação: receber a “misericórdia que vem do alto”, para poder dá-la depois de mãos cheias, sem chamar a atenção, para aqueles que nos rodeiam; para levar-lhes o carinho de Deus.

*Carlos Ayxelà (ed.)*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaria, Forja, n. 331

[2] Javier Echevarría, Carta pastoral, Novembro 2016.

[3] As sugestões de Guillaume Derville e Rodolfo Valdés foram uma ajuda valiosa na concepção e edição destes textos. Agradeço também a Tadeo López, sem o qual este e-book não teria saído.

[4] Cfr. Lc 6,36; Francisco, Bula Misericordiae Vultus (11-IV-2015), 13.

[5] Francisco, 3ª Meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016.

[6] Cfr. Sal 118 (119),32.

[7] Francisco, Homilia, 24-XII-2015.

## A Misericórdia na Sagrada Escritura

Dentre os diálogos de Deus com Moisés, recolhidos no livro do Êxodo, há uma cena rodeada de mistério, em que ele pede ao Senhor que lhe mostre o seu rosto. “Ver-me-ás por detrás”, responde, “quanto à minha face, ela não pode ser vista”[1]. Quando chega a plenitude dos tempos, Filipe faz o mesmo pedido a Jesus, numa dessas conversas cheias de confiança que os apóstolos mantinham com o Mestre: “Senhor, mostra-nos o Pai”[2]. E a resposta do Deus encarnado não se faz esperar: “Aquele que me viu, viu também o Pai”[3].

Jesus Cristo revela-nos o Pai: quando meditamos os Evangelhos é possível descobrir as características de Deus – entre elas, e de modo eminente, a sua misericórdia – plasmadas na simplicidade das palavras e da vida de Jesus. A misericórdia divina, que Deus foi mostrando ao longo da história do povo eleito, resplandece no Verbo encarnado. N’Ele, “rosto da misericórdia do Pai”[4], realiza-se plenamente aquela oração terna que o Senhor tinha ensinado a Moisés, para que os sacerdotes abençoassem os filhos de Israel: “O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor te mostre a sua face e te conceda a sua graça! O Senhor volte o seu rosto para ti e te dê a paz!”[5]. Em Jesus, Deus faz brilhar definitivamente o seu rosto sobre nós, concede-nos a paz que o mundo não pode dar[6].

### **Um Deus que procura e escuta**

A misericórdia de Deus pode ser vislumbrada desde as primeiras páginas do Génesis. Depois do seu pecado, Adão e Eva escondem-se entre as árvores do jardim, porque sentem a sua nudez, e já não se atrevem a olhar Deus nos olhos. Mas o Senhor sai imediatamente ao seu encontro “e naquele momento começa o exílio longe de Deus,

com o pecado, também já existe a promessa do regresso, a possibilidade de regressar a Ele. Imediatamente Deus pergunta: ‘Adão, onde estás?’ Deus procura-o”[7]. O Senhor já lhes anuncia, então, o futuro triunfo sobre a linhagem da serpente, e, inclusive, confeciona-lhes umas roupas de peles como manifestação de que, apesar do pecado, o seu amor por eles não se extinguiu[8]. Deus fecha a porta do paraíso[9], mas abre no horizonte a porta da misericórdia: “Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar com todos de misericórdia”[10].

No livro do Êxodo, o Senhor atua com decisão para libertar os israelitas oprimidos. As suas palavras a Moisés no episódio da sarça ardente projetam-se, como as do Génesis, por todos os séculos: “Eu vi, eu vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa dos seus opressores. Sim, eu conheço os seus sofrimentos. E desci para livrá-lo das mãos dos egípcios”[11].

Que exemplo para nós, que às vezes somos lentos para escutar e pôr em prática o que os outros necessitam de nós! Deus é um Pai bom, que vê a tribulação dos seus filhos e intervém para lhes dar a liberdade. Depois de atravessarem o Mar Vermelho, no marco solene do Sinai, o Senhor manifesta-se a Moisés como “Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade”[12].

### **Um amor “visceral”**

O Salmo 86 repete quase literalmente essas palavras do Êxodo: “*Deus miserator (rajum) et misericors (janún), patiens et multae misericordiae (jésed) et veritatis (émet)* – Deus bondoso e compassivo; lento para a ira, cheio de clemência e fidelidade –”[13]. Na sua tradução da Bíblia para o latim, S. Jerónimo optou por traduzir três conceitos hebraicos com três termos que são quase sinónimos, derivados da palavra “misericórdia”.

Realmente, estes conceitos estão entrelaçados, mas cada um deles contribui com matizes que convém esmiuçar se queremos apreciar a realidade da misericórdia de Deus, que não se expressa completamente numa só palavra.



O adjetivo *rajum* (*miserator*), deriva de *réjem*, que significa “ventre, entranhas, seio materno” e utiliza-se na Bíblia para expressar o nascimento de uma criança[14]. *Rajum* descreve os sentimentos de uma mãe pelo ser que é literalmente carne da sua carne. “Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto das suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca”[15]. Deus “entenece-se por nós como uma mãe quando abraça o seu filho ao colo, desejosa somente de amar, proteger, ajudar, pronta para doar tudo, inclusive a si mesma. Essa é a imagem que este termo sugere. Um amor, portanto, que se pode definir, no bom sentido, como ‘visceral’”[16]. Um amor que sofre especialmente os esquecimentos, desprezos ou abandonos dos seus filhos – “Povo meu, responde-me, que te fiz eu, em que te contristei?”[17] –, mas que, ao mesmo tempo, está sempre disposto a perdôá-los e a passar por cima dessa frieza, “porque não guarda a sua ira para sempre, e se compraz na misericórdia”[18]. É um amor que se compadece pela lamentável situação em que os filhos se possam encontrar com o passar dos anos – “Vou enfaixar as tuas chagas e curar as tuas feridas”[19] –, e que não desiste de recuperá-los se os vê afastados. É um amor solícito para proteger os seus filhos se são assediados ou perseguidos. “Tu, porém, Jacob, servo meu, não temas Israel, não te enchas de pavor! Vou trazer-te da terra longínqua, e livrarei a tua raça da terra do exílio. Jacob tornará a viver em segurança, sem que ninguém mais o inquiete”[20]. Um encontro cordial e emocionado, recetivo ao mínimo detalhe de carinho: “Todos vós, que estais sedentos, vinde à nascente das águas; vinde comer, vós que não tendes alimento. Vinde comprar trigo sem dinheiro, vinho e leite sem pagar!”[21]. É um amor que nos ensina a preocupar-nos pelos outros, a sofrer com os seus sofrimentos e a alegrar-nos com as suas alegrias. A estar realmente próximos de quem nos rodeia, com a nossa oração, interesse, presença... Em resumo, dando o nosso tempo.

Deus é qualificado também como *janún* (*misericors*). Este adjetivo, que pode ser traduzido por “compassivo”, deriva da palavra *jen*, que significa “graça, favor”: algo que se outorga por pura benevolência, que vai além da justiça estrita. Expressa a atitude de

Deus que se reflete num dos mandamentos do código da Aliança: “Se tomares como penhor o manto de teu próximo, devolvê-lo-ás antes do pôr-do-sol, porque é a sua única cobertura, é a veste com que cobre a sua nudez; com que dormirá ele? Se me invocasse, eu o ouviria, porque sou misericordioso (*janún*)”[22]. Trata-se de um mandato inspirado pela compaixão ao pobre, que não consegue pagar o que em justiça deveria: Deus não tolera vê-lo sofrendo, e, nessa compaixão – que Deus sabe inspirar aos seus – abre-se um caminho à verdadeira justiça: “porque eu quero o amor mais que os sacrifícios, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos”[23]. Quem conhece a Deus de verdade sabe reconhecer o irmão que sofre. Se pedirmos ao Senhor esse olhar compassivo, quantas oportunidades de servir os outros descobriremos! O ano jubilar é uma boa ocasião para que, junto com outras pessoas, façamos alguma obra de misericórdia corporal no lugar em que nos encontramos.

### **O Deus fiel que sabe esperar**

Esse salmo diz também que o Senhor é um Deus de muita misericórdia, *multae misericordiae (jésed)*, utilizando, nesse caso, uma palavra do vocabulário familiar, que se poderia traduzir literalmente por “piedade”. Refere-se, acima de tudo, à bondade própria das relações dos pais com os filhos, destes com os seus pais, ou dos esposos entre si. Por isso, quando Jacob, já muito idoso, está prestes a morrer, chama o seu filho José e pede-lhe: “(...) promete-me, com toda a piedade (*jésed*) e fidelidade, que não me enterrarás no Egito”[24]. Ou seja, pede-lhe que se porte como corresponde a um filho bom e cumpra esse último desejo de seu pai. Dizer que Deus é pleno em *jésed* é a mesma coisa que afirmar que Deus nos olha sempre como seus filhos: os seus dons e a sua vocação são irrevogáveis[25]. “Deste Deus misericordioso também se diz que é “lento para a ira”, literalmente, tem um “longo alento”, ou seja, o amplo alento para a longanimidade e capacidade de suportar. Deus sabe esperar, os seus tempos não são os tempos impacientes dos

homens; Ele é como o sábio agricultor que sabe esperar, dá tempo à boa semente para crescer, apesar do joio (cf. Mt 13, 24-30)”[26].

Por último, afirma-se que a misericórdia do Senhor é presidida pela abundância de verdade: *et veritatis (émet)*. Efetivamente, a misericórdia não é uma comédia que dissimula as ofensas e as feridas como se não tivessem existido: as feridas não se enfaixam “sem antes serem tratadas e medicadas”[27], porque infetariam. O Senhor “é Médico e cura o nosso egoísmo se deixamos que sua graça penetre até ao fundo da alma”[28]. Deixar que nos cure significa reconhecer-nos pecadores, mostrar-lhe as feridas com a disposição de colocar os meios oportunos para tratá-las. “Se alguma vez caís, filho, acode prontamente à Confissão e à direção espiritual: mostra a ferida!, para que te curem a fundo, para que te tirem todas as possibilidades de infeção, mesmo que te doa como numa operação cirúrgica”[29]. E então o Senhor promete que “se os vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão brancos como a neve! Se forem vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã!”[30].

Uma relação estável e serena com Deus e com os outros só se pode construir sobre a verdade. A verdadeira felicidade – escreve Santo Agostinho, refletindo sobre a nossa vida na terra e a que nos espera no céu – é a alegria da verdade, *gaudium de veritate*[31]. Viver na verdade é muito mais do que “saber” algumas coisas. Por isso o termo hebraico *émet* significa tanto “verdade” como “fidelidade”: a pessoa sincera é fiel, e quem deseja ser fiel ama a verdade. “Uma ‘lealdade’ sem limites: eis aqui a última palavra da revelação de Deus a Moisés. A fidelidade de Deus nunca falha, porque o Senhor é o guardião que, como diz o Salmo, não dorme, mas vela continuamente sobre nós para levar-nos para a vida: ‘Não permitirá que o teu pé escorregue, o teu guardião não dorme, não dorme nem repousa o guardião de Israel (...). O Senhor guarda-te de todo o mal, ele guarda a tua alma; o Senhor guarda as tuas entradas e saídas agora e para sempre (121, 3-4.7-8)”[32].

Resumindo, no Antigo Testamento, a misericórdia divina é a ternura materna e profundamente carinhosa que o Senhor oferece a quem se encontra necessitado e reconhece a verdade da sua situação: as suas debilidades, erros, pecados ou infidelidades. Deus não

somente o liberta daquilo que o oprime, mas também o cura e restaura a sua dignidade de filho.

### **O rosto da misericórdia do Pai**

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos o que tocamos com as nossas mãos relativamente ao Verbo da vida...”[33]. Essas palavras vibrantes do apóstolo a quem Jesus amava chegam até nós com a mesma força com que foram escritas. Em Jesus, o apóstolo viu e tocou o amor de Deus coisa que todos os cristãos podemos fazer, “para que nossa alegria seja completa”[34].

Jesus Cristo “é a misericórdia divina em pessoa: encontrar Cristo significa encontrar a misericórdia de Deus”[35]. Por isso, S. Josemaria nos convidava a não nos cansarmos de saborear “as cenas comoventes em que o Mestre atua com gestos divinos e humanos ou relata com frases humanas e divinas a história sublime do perdão e do seu contínuo Amor pelos seus filhos”[36].

Cristo é o bom samaritano[37] que não passa longe de quem padece qualquer necessidade espiritual ou material, que se comove e põe remédio à desgraça. “Deus mistura-se com nossas misérias, aproxima-se das nossas feridas e, com as suas mãos, faz com que sejam curadas. Fez-se homem para ter mãos. É um trabalho de Jesus, pessoal: um homem cometeu o pecado, um homem vem curá-lo”[38]. Toda a vida de Jesus está cheia de gestos de misericórdia: perdoa os pecados do paralítico que descem numa maca pelo teto da casa em que o Senhor estava[39], ressuscita e entrega vivo à sua mãe, a viúva de Naim, o seu filho único[40], alimenta milagrosamente as multidões que o seguem para que não desfaleçam[41]. “O que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia no coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham”.

Esse amor incondicional do Senhor chega à sua máxima expressão na sua Paixão. Aí tudo é perdão, paciência diante dos nossos pecados, palavras sem nenhum sabor de amargura. Cravado num madeiro, comove-se diante da confissão sincera de um ladrão –

“quanto a nós fez-se justiça, porque recebemos o castigo que mereciam as nossas ações, mas Este não fez mal algum”[42]– e imediatamente lhe pede: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino!”[43]. Trata-se de uma imagem perfeita da misericórdia: Jesus acolhe a petição daquele homem necessitado de carinho, que reconhece com simplicidade o mal na sua vida; perdoa-o, e abre-lhe a porta de entrada para o céu: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso”[44]. Essa resposta de Jesus mostra que Ele esperava esse momento, como o espera para cada um de nós uma vez, muitas vezes. “Jesus acolhia com bondade os pecadores. Se pensarmos de modo humano, o pecador seria um inimigo de Deus, mas Ele aproximava-se deles com bondade, amava-os e mudava o seu coração”[45].

Nossa Senhora estava ao pé da cruz. Confiados na sua intercessão, podemos dirigir-nos a Deus com S. Josemaria, que seguindo uma inspiração divina, rezava: “*Adeamus cum fiducia ad thronum gloriae ut misericordiam consequamur*”[46] – “Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia”.

*Francisco Varo*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Ex 33,23.

[2] Jo 14, 8

[3] Jo 14, 9

[4] Francisco, Bula *Misericordiae vultus* (11-IV-2015), n. 1.

[5] Num 6, 24-26

[6] Cfr. Jo 14,27

[7] Francisco, Homilia, 7-IV-2013. Cfr. Gn 3, 9.

[8] Cfr. Gn 3, 14-21

[9] Cfr. Gn 3, 24

[10] Rom 11, 32

[11] Ex 3, 7-8.

[12] Ex 34, 6. Uma expressão quase idêntica se repete em vários lugares da Sagrada Escritura, especialmente nos Salmos 86(85), 15 e 103 (102), 8.

[13] Sal 86 (85), 15.

[14] Por exemplo em Ex 13,2: “Consagrar-me-ás todo primogênito (aquele que abre o ventre materno, réjem) entre os israelitas, tanto homem como animal: ele será meu.”

[15] Is 49,15.

[16] Francisco, Audiência, 13-I-2016.

[17] Mq 6, 3.

[18] Mq 7,18.

[19] Jr 30,17.

[20] Jr 46,27.

[21] Is 55, 1.

[22] Ex 22, 25-26.

[23] Os 6,6.

[24] Gn 47,29.

[25] Cfr. Rm 11, 29.

[26] Francisco, Audiência, 13-I-2016.

[27] Francisco, Discurso, 18-X-2014.

[28] S. Josemaria, É Cristo que passa, n. 93.

[29] S. Josemaria, Forja, n. 192.

[30] Is 1,18

[31] Santo Agostinho, Confissões, X.23.33.

[32] Francisco, Audiência, 13-I-2016.

[33] I Jo 1,1.

[34] I Jo 1,4.

[35] Joseph Ratzinger, Homilia, Missa pro eligendo pontifice, 18-IV-2005.

[36] Amigos de Deus, n. 216.

[37] Lc 10, 33-35.

[38] Francisco, Homilia em Santa Marta, 22-X-2013.

[39] Cfr. Mc 2, 3-12.

[40] Cfr. Lc 7, 11-15.

[41] Cfr. Mt 14, 13-21; 15, 32-39.

[42] Francisco, Misericordiae vultus, n. 8.

[43] Lc 23, 41-42.

[44] Lc 23, 43.

[45] Francisco, Audiência, 20-II-2016.

[46] Cfr. Hb 4, 16.

## “Vai e faz o mesmo”: a Lei de Deus e a misericórdia

Em certa ocasião um doutor da Lei aproximou-se do Senhor, para Lhe perguntar o que devia fazer para conseguir a vida eterna. Na realidade, queria pôr à prova a ortodoxia desse Rabi de Nazaré, de quem, ao que parece, não sabia o que pensar[1]. Mas o Senhor não se aborrece; aceita o diálogo e devolve-lhe a pergunta: «O que está escrito na Lei? O que lês tu?»[2]. O doutor responde com umas palavras do *Shemá Israel, Escuta Israel*, que todo israelita aprendia em pequeno: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todas as tuas forças e com toda a tua mente»[3]; e acrescenta, com o livro do Levítico: «e ao teu próximo como a ti mesmo»[4]. Nessas duas fórmulas se sintetizam toda a Lei e os Profetas[5], de modo que o Senhor diz: «respondeste bem: faz isso e viverás»[6]. O doutor não esperava que a sua pergunta se resolvesse com essa simplicidade desarmante. «Querendo justificar-se»[7], insiste então com uma nova questão: «E quem é o meu próximo?»[8]. O Senhor não se rende, quer ganhar a confiança do seu interlocutor. Fala-lhe então ao coração, e com ele aos homens e mulheres de todos os tempos, com a sua linguagem ao mesmo tempo simples e solene: é a parábola do bom samaritano.

### “Fazer-se próximo”

No pobre homem assaltado no caminho de Jerusalém para Jericó, os Padres da Igreja viam Adão, e com ele – porque Adão significa precisamente “homem” – a humanidade mal tratada pelo seu próprio pecado, pelo nosso próprio pecado. No bom samaritano reconheciam Jesus, que vem com paciência curar-nos, depois de terem passado ao largo aqueles que na realidade não eram capazes



de trazer ao mundo a salvação. Ele, pelo contrário, sim que pode, e quer. Assim imagina uma antiga e venerável homilia o seu encontro com Adão – que é também encontro com cada um de nós – na sua descida aos infernos: «Eu sou o teu Deus, que por ti e por todos os que hão-de nascer de ti me fiz teu filho; e agora te digo que tenho o poder de anunciar aos que estão cativos: “Saí”, e aos que se encontram nas trevas: “Iluminai-vos” e aos que dormem: “Levantai-vos”»[9]. Com Jesus, são chamados a levar a sua salvação– a ser bons samaritanos – os seus ungidos: os cristãos. Como o seu Senhor, também eles devem vendar as feridas dos homens e deitar nelas *óleo e vinho*[10]: devem ser bons estalajadeiros até ao regresso do Samaritano. «Essa pousada, se vos apercebeis, é a Igreja. Agora é pousada, porque a nossa vida é um ir de passagem; será casa que nunca abandonaremos, uma vez que tenhamos chegado são ao reino dos céus. Entretanto, aceitamos com gosto a cura na pousada»[11].

Este é o horizonte que o Senhor quer abrir ao doutor da Lei e, com ele, a todos os cristãos e a todos os homens. Não lhe reprova a sua estreiteza: fá-lo pensar primeiro, e depois, sonhar: «Pois vai (...), e faz o mesmo»[12]. Como sucede com frequência nos Evangelhos, é bom não passar demasiado depressa sobre a concisão do relato. A resposta à pergunta de Jesus – «quem foi o seu próximo?» – é certamente óbvia: «aquele que usou de misericórdia para com ele»[13]. O que não é evidente, pelo contrário, é *porque é que* o Senhor faz esta pergunta, que dá a volta à questão do doutor da Lei: «Jesus inverte a perspetiva: não se trata de reconhecer o outro como meu semelhante, mas de ser capaz de me fazer semelhante ao outro»[14]. Perante uma atitude que manifesta estreiteza, que delimita o campo de ação para fazer o bem – avaliando, por exemplo, se os outros pertencem ao meu grupo, ou, se depois me devolverão o favor – o Senhor responde convidando a elevar a vista, a ser ele mesmo próximo.

A palavra *próximo* passa assim, de qualificar um tipo de pessoas que mereceriam a minha atenção, para se converter numa qualidade do coração. Pedagogia de Deus, que dá a volta à pergunta a quem fazer o bem? e assim a transfigura: o que era matéria de discussão e

de casuística nas escolas rabínicas – onde estava o limite, até onde tinha que me compadecer com os outros – converte-se num desafio audaz. O cristão, dizia S. João Paulo II, «não se questiona sobre a quem deve amar, porque perguntar-se “quem é o meu próximo?” já implica pôr limites e condições(...) A pergunta legítima não é “quem é o meu próximo?”, mas antes “de quem me devo fazer próximo?”. E a resposta é: “qualquer pessoa que tenha necessidades, embora me seja desconhecido, converte-se para mim em próximo, a quem devo ajudar”»[15]. É a *proximidade*[16], neologismo do Papa Francisco que nos recorda a nossa vocação para ser *próximos* do nosso próximo, a ser «ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença»[17].

### **O caminho para a plenitude da Lei**

Poder-se-ia dizer que este diálogo com o doutor da Lei compendia o caminho que leva desde os ensinamentos morais do Antigo Testamento até à plenitude da vida moral em Cristo. É que, como recorda S. Paulo, a Lei do Povo Eleito é boa e santa[18], mas não definitiva. Ordenava-se, sobretudo, a preparar os corações para a chegada de Nosso Senhor.

A pergunta do fariseu – «qual é o principal mandamento da Lei?»[19] – parece refletir certo desânimo perante a quantidade enorme de preceitos que, com uma visão legalista, se tinham ido introduzindo na vida religiosa israelita. Noutra ocasião, Jesus Cristo queixa-se dos doutores da Lei «porque impondes aos homens cargas insuportáveis, mas vós nem com um dos vossos dedos as tocais»[20]. Ainda mais, por vezes as tradições humanas tinham acabado por ser uma desculpa para não se sujeitar a um mandato divino: assim, o Senhor denuncia a atitude daqueles que se escudavam nas oferendas do Templo para não ajudar os seus pais[21].

Por isso, Jesus Cristo aponta para o fundamental: o Amor a Deus e ao próximo. Deste modo, se cumpre o que diz d’Ele mesmo: que não veio «para abolir a Lei ou os Profetas; não vim aboli-los, mas a dar-lhes a sua plenitude»[22]. A Aliança que Deus tinha celebrado

como seu Povo incluía determinadas prescrições que não tinham o sentido original de lhes impor cargas mas antes, muito pelo contrário, o de os levar por caminhos de liberdade: «Hoje ponho diante de ti a vida e o bem, ou a morte e o mal. Se escutares os mandamentos do Senhor, teu Deus, que eu hoje te prescrevo (...), então viverás e te multiplicarás: o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra de que vais tomar posse»[23].

A terra prometida aos hebreus é uma figura da terra interior em que os homens e mulheres de todos os tempos podem entrar, se viverem no seu autêntico sentido os mandamentos do Senhor. São uma porta para chegar à comunhão com Deus, porque fora dela qualquer outra terra é inóspita: «o que se necessita para conseguir a felicidade, não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»[24].

Se os preceitos rituais e legais do Povo de Israel cessaram com a vinda de Jesus Cristo, os Dez Mandamentos, conhecidos também como Decálogo, são perenes: recolhem os princípios fundamentais para poder amar a Deus – pondo-O acima de tudo, respeitando o seu nome santo, dedicando-lhe os dias de festa, como fazem os cristãos ao domingo - e aos outros - fomentando o carinho e reverência aos pais, protegendo a vida, a pureza de coração, etc. - Quantas gerações de israelitas meditaram a verdade e a solicitude de Pai contidas nessas dez palavras! «Os teus preceitos são a minha herança perpétua, a alegria do meu coração»[25], uma demonstração da misericórdia divina, que não quer que nos extraviemos, que deseja que tenhamos uma vida plena. O mundo pode opor-se, por vezes, aos Mandamentos, como se fossem imposições fora de moda, próprias de um estádio infantil da humanidade; mas não faltam exemplos de como as sociedades e as pessoas se desmoronam quando pensam que as podem ignorar. As dez palavras do Senhor são as constantes do universo interior do homem; se se alteram, o seu coração desfigura-se.

**Para que sejais filhos do vosso Pai**

O Decálogo fica como que englobado na Nova Lei que Jesus Cristo instaurou ao salvar-nos dando a sua vida na Cruz. Esta Lei Nova é a graça do Espírito Santo dada mediante a fé em Cristo[26]. Portanto, agora, já não temos só um horizonte moral a que aspirar: trata-se de viver em Jesus, de nos parecermos cada vez mais com Ele, deixando que o Espírito Santo nos transforme, para assim cumprir os seus mandamentos.

Como ser mais parecidos a Jesus Cristo? Onde podemos ver o seu modo de ser? Diz o Catecismo que «As bem-aventuranças desenham o rosto de Jesus Cristo e descrevem a sua caridade»[27]. Nesses ensinamentos que os evangelhos recolhem, vemos o retrato de Nosso Senhor, o seu rosto que revela o amor compassivo do Pai por todos os homens. Estes recolhem as promessas feitas ao Povo Eleito, mas aperfeiçoam-nas ordenando-as não já para a posse da terra, mas para o Reino dos Céus[28].

No evangelho de Mateus, as primeiras quatro bem-aventuranças referem-se a uma atitude ou forma de ser que se centra nas palavras de Jesus[29]: «Bem-aventurados os pobres em espírito», «os que choram», «os mansos», «os que têm fome e sede de justiça». Convidam a confiar totalmente em Deus e não nos nossos recursos humanos, a enfrentar com sentido cristão os sofrimentos, a ser pacientes todos os dias. A estas bem-aventuranças acrescentam-se outras que põem o acento na ação: «Bem-aventurados os misericordiosos», «os limpos de coração», «os pacíficos», e outras mais que chamam a atenção de que para seguir Jesus temos que sofrer algumas contradições[30], sempre com alegria, pois «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»[31].

As bem-aventuranças manifestam certamente a misericórdia de Deus, que se empenha em dar uma alegria sem limites àqueles que o seguem: «Alegrai-vos e regozijai, porque a vossa recompensa será grande no Céu»[32]. Não são, no entanto, uma coleção de aforismos para imaginar um utópico mundo melhor que *alguém* se ocupará detornar possível, ou para se consolar falsamente diante das dificuldades do momento. Por isso, as bem-aventuranças são também chamamentos exigentes de Deus ao coração de cada

homem, que impulsionam a comprometer-se a trabalhar pelo bem e pela justiça já nesta terra.

Considerar com frequência as bem-aventuranças, talvez na oração pessoal, ajuda a saber como as aplicar na vida diária. Por exemplo, a mansidão concretiza-se tantas vezes «no sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo...»[33].

Ao mesmo tempo, quem procura viver segundo o espírito das bem-aventuranças, vai incorporando na sua personalidade determinadas atitudes e modos de julgar as coisas que lhe dão maior facilidade para cumprir os mandamentos. A limpeza de coração permite-lhe ver a imagem de Deus em cada pessoa, considerando-a como alguém digno de respeito e não como objeto para satisfazer desejos retorcidos. Ser pacíficos leva-nos a viver como filhos de Deus e a reconhecer os outros como seus filhos, seguindo esse «caminho mais excelente»[34] da caridade, que «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta»[35], transformando os agravos em ocasião de amar e rezar pelos que causam dano[36]. Em resumo, moldar o nosso coração segundo os contornos que as bem-aventuranças traçam torna realidade o ideal que Jesus Cristo nos propõe de ser «misericordiosos como o vosso Pai celestial é misericordioso»[37]. Transformamo-nos em portadores do amor de Deus, aprendemos a ver nos outros esse *próximo* que necessita da nossa ajuda; somos em Cristo esse bom samaritano que sabe conduzir-se pela misericórdia para cumprir em plenitude a lei da caridade. Então o nosso coração dilata-se, como sucedeu com o da Virgem Santíssima.

*Rodolfo Valdés*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. *Lc* 10, 25.

[2] *Lc* 10, 26.

- [3] *Dt* 6, 5.
- [4] *Lv* 19, 18.
- [5] *Mt* 22, 40.
- [6] *Lc* 10, 28.
- [7] *Lc* 10, 29.
- [8] *Lc* 10, 29.
- [9] *Homilia sobre o grande e santo Sábado*(PG 43, 462).
- [10] *Lc* 10, 34.
- [11] Santo Agostinho, *Sermão* 131, 6.
- [12] *Lc* 10, 37.
- [13] *Lc* 10, 37.
- [14] Francisco, *Mensagem*, 24-I-2014.
- [15] S. João Paulo II, *Discurso*, 2-II-1999.
- [16] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*(24-XI-2013), n. 169.
- [17] Francisco, *Mensagem*, 4-X-2014.
- [18] Cfr. *Rm* 7, 12.
- [19] *Mt* 22, 36.
- [20] *Lc* 11, 46.
- [21] *Mt* 15, 3-6.
- [22] *Mt* 5, 17.
- [23] *Dt* 30, 15-18.
- [24] S. Josemaría, *Sulco*, n. 795.
- [25] *Sal* 119 (118), 111.
- [26] Cfr. S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, I-II, q. 106, a. 1, c. e ad 2, cit. em S. João Paulo II, *Enc. Veritatis Splendor*, 6-VIII-1993, n. 24.
- [27] *Catecismo da Igreja Católica*, n.1717.
- [28] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*,n. 1716.
- [29] Cfr. *Mt* 5, 3-12.
- [30] Cfr. *Mt* 5, 10-12.
- [31] S. Josemaría, *Forja*, n. 1005.
- [32] *Mt* 5, 12.
- [33] S. Josemaría, *Caminho*, n. 173.
- [34] *1 Co* 12, 31.
- [35] *1 Co* 13, 7.
- [36] Cfr. *Mt* 5, 44-45.

[37] *Lc* 6, 36.

## O coração aberto de Deus: misericórdia e apostolado

«O Meu reino não é deste mundo», responde Jesus, quando Pilatos O questiona sobre as acusações do Sinédrio. Ele é Rei, mas não como os homens consideram *rei*: «se o Meu reino fosse deste mundo, os Meus ministros haviam de se esforçar para que Eu não fosse entregue aos judeus; mas o Meu reino não é daqui»[1]. Poucas horas antes, em Getsemani, tinha falado em termos parecidos a Pedro, para lhe fazer embainhar a espada: «Julgas, porventura, que Eu não posso rogar a Meu Pai e que poria já ao Meu dispor mais de doze legiões de anjos?»[2]. Não é com a força das armas dos homens que Deus irrompe no mundo, mas com a «espada de fio duplo» da Sua Palavra, que «descobre os sentimentos e pensamentos do coração»[3]. Jesus «não combate para consolidar um espaço de poder. Se quebra cercas e questiona seguranças é para abrir uma brecha para a torrente da Misericórdia que, com o Pai e o Espírito, deseja derramar sobre a terra. Uma Misericórdia que procede muito melhor, anuncia e traz algo novo: cura, liberta e proclama o ano da graça do Senhor»[4].

### **Deus olha o coração**

«No mundo tereis sofrimentos, mas confiai: Eu venci o mundo, *ego vicimundum*»[5]. Do cenáculo, a oração sacerdotal de Jesus conforta os discípulos de todos os tempos; o Senhor vence, mesmo quando o anúncio do Evangelho encontra grandes dificuldades, ao ponto de parecer que a causa de Deus vai fracassar. *Christus vincit*, mas segundo um desígnio que não responde à lógica do poder humano: «os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos»[6].



«Dar-Te-ei todo este poder e a sua glória, porque me foram entregues e os dou a quem quero»[7]. Quando o demónio mostrou a Jesus todas as nações da terra, não Lhe oferecia tanto luxo e possessões como a submissão dos homens à Sua vontade, através de um controlo mundano. O diabo desfigura a promessa do Pai ao Filho recolhida no Salmo II: «pede-Me e dar-te-ei em herança as nações»[8]; mundaniza-a: propõe-Lhe uma redenção sem sofrimento. Mas «Jesus tem bem claro que não é o poder mundano que salva o mundo, mas o poder da cruz, da humildade, do amor»[9].

Ao afastar essa tentação e traçar esse mesmo caminho para todos os cristãos, Jesus deixa entrever como é o Seu domínio da história, ainda que aos olhos humanos possa parecer loucura: Deus reina com a Sua misericórdia. Se o Seu reino não é deste mundo, tão pouco o é a Sua misericórdia; mas precisamente por isso, porque nasce «do alto»[10], pode abraçá-lo e salvá-lo.

«O homem vê as aparências, mas o Senhor vê o coração»[11]. Deus não saberia o que fazer com uma submissão formal, externa, mas vazia. Ele procura cada homem, bate à porta de cada um[12]: «dá-Me, filho, o teu coração e que os teus olhos guardem os Meus caminhos»[13]. É assim o domínio de Deus, que vence porque consegue desarmar-nos; vence, não porque reprima as nossas ânsias de felicidade, mas porque nos faz ver que essas ânsias, sem Ele, são uma via morta.

«Quanto mais os chamava, mais eles se afastavam de Mim», lamenta-se o Senhor através do profeta Oseias[14]. Mas ainda que os homens possam resistir às chamadas de Deus, os cristãos sabem que no final, por pouco que deixem uma frincha na porta da alma, Deus abre caminho na nossa vida, e rendemo-nos diante do Seu amor incansável: a sua Misericórdia é «uma Misericórdia a caminho, uma Misericórdia que cada dia procura o modo de dar um passo em frente, um passinho mais além, avançando sobre as terras de ninguém, em que reinava a indiferença e a violência»[15]. Por isso o apostolado, que nasce da fé, transborda serenidade: «a tua vida, o teu trabalho, não deve ser trabalho negativo, não deve ser “antinada”. É, deve ser! afirmação, otimismo, juventude, alegria e paz»[16].

## **Amar com o Amor de Deus**

«Ao ver as multidões encheu-Se de compaixão, porque estavam maltratadas e abatidas como ovelhas sem pastor»[17]. O olhar de Deus sobre as almas não é um olhar angustiado, mas compassivo, quer chegar a todos, através dos seus filhos. «O amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que se nos deu»[18]: Ele faz-nos viver imersos nesse Amor divino, que é o clima vital, o ambiente familiar em que Deus nos quer introduzir, já agora na terra e, depois, por toda a eternidade. «O nosso amor – diz S. Josemaría – não se confunde com uma postura sentimental, tão pouco com a simples camaradagem, nem com o pouco claro desejo de ajudar os outros para demonstrarmos a nós mesmos que somos superiores. É conviver com o próximo, venerar (...) a imagem de Deus que há em cada homem, procurando que também ele a contemple, para que saiba dirigir-se a Cristo»[19]. Trata-se, pois, de deixar que Deus, que vive em mim, ame através de mim: amar com o amor de Deus.

«O Amor... bem vale un amor!»[20]. Nestas palavras que S. Josemaría saboreava, olham-se o Coração infinito de Deus e o coração dos homens, pequeno mas capaz de se alargar para acometer coisas grandes. O Amor de Deus bem vale o amor de uma vida dedicada a encher-se d'Ele e a repartir a sua misericórdia às mãos cheias. Esta chamada é para magnânicos, um convite a empreender um alto voo escondido, a maior parte das vezes, na trama prosaica da vida de todos os dias. «Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem deseja ser misericordioso necessita de um coração forte, firme, fechado ao tentador, mas aberto a Deus. Um coração que se deixe impregnar pelo Espírito e guiar pelos caminhos do amor que nos levam aos irmãos e irmãs. Em resumo, um coração pobre, que conhece as suas próprias pobreza e o dá todo pelo outro»[21].

## **Tirar as sandálias diante da terra do outro**

Um coração pobre não é um pobre coração. Quem «conhece as suas próprias pobrezaas» é capaz de se encher da riqueza do amor de Deus. «O Deus que compartilha as nossas amarguras, o Deus que se fez homem para levar a nossa cruz, quer transformar o nosso coração de pedra e chamar-nos a compartilhar também o sofrimento dos outros; quer dar-nos um “coração de carne” (...) que sinta compaixão e nos leve ao amor que cura e socorre»[22]. Pôr-nos-emos, então, ao lado de cada um, não só como quem tem muito que ensinar, mas também como quem tem muito que aprender. Quanto mais capazes formos de receber dos outros, mais brilho adquirirá tudo o que Deus colocou na nossa alma. É o coração que fala verdadeiramente ao coração – *cor ad cor loquitur* – como tão perspicazmente percebeu S. John Henry Newman[23]: quem tira «as sandálias diante da terra sagrada do outro»[24], quem se deixa surpreender por ele, pode então ajudá-lo verdadeiramente. «Se vem um amigo ou uma amiga que teve uma escorregadela na vida e caiu, vai e oferece-lhe a mão, mas oferece-lha com dignidade. Põe-te ao lado dele, ao lado dela, escuta-o (...). Deixa-o falar, deixa que te conte, e então, pouquinho a pouquinho, vai-te estendendo a mão, e vós ides ajudá-lo em nome de Jesus Cristo. Mas se vais de repente e lhe começa a pregar, e a “bater” e a “bater”, pois, pobrezito, vais deixá-lo pior do que estava»[25].

Hoje em dia um cristão encontra-se com pessoas nas situações mais variadas. Se verdadeiramente se aproxima do outro com o coração aberto, poderá deixar na sua alma algo «da paz de Deus que supera todo o entendimento»[26]; e, cada um a seu modo, lhe deixará também uma marca na alma. Por vezes tratar-se-á de cristãos que nunca praticaram a sua fé, que a abandonaram pouco depois da primeira Comunhão; ou que, talvez, depois de anos de prática religiosa e mesmo de fervor, sucumbiram às solicitações da comodidade, do relativismo, da tibieza. Muitas outras vezes, tratar-se-á de pessoas que nunca ouviram falar de Deus numa conversa de tu a tu. Alguns, talvez ao princípio, mostrar-se-ão reticentes, porque pensam que têm que se defender de uma invasão da sua liberdade. A nossa serenidade de filhos de Deus será então, como sempre, a melhor arma: «Alegrai-vos sempre no Senhor; repito-vos, alegrai-

vos. Que a vossa compreensão seja patente a todos os homens. O Senhor está próximo»[27]. A misericórdia de Deus levar-nos-á a acolher a todos, como Jesus[28]; e, também como Jesus, a deixar-nos acolher por todos[29], a estar com as pessoas; a interessar-nos pelas suas perplexidades, sem passar por cima dos problemas; a esforçarmo-nos por lhes abrir horizontes, partindo do lugar em que se encontram; a exigir-lhes com decisão mas com suavidade, sem deixar de lhes estender a mão.

«A Igreja, unida a Cristo, nasce de um Coração ferido. Desse Coração, aberto de par em par, transmite-se-nos a vida»[30]. Todo o apostolado autêntico é também sempre apostolado da Confissão: ajudar os outros a experimentar o transbordar da misericórdia de Deus, que nos espera como o pai do filho pródigo, desejoso de nos dar o abraço paternal que nos purifica e nos permite voltar a olhá-l'O cara a cara a Ele e aos outros. «Se, por qualquer motivo, te afastas d'Ele, reage com a humildade de começar e de recomeçar; de fazer de filho pródigo todos os dias, inclusive repetidamente nas vinte e quatro horas do dia; de reconciliar o teu coração contrito na Confissão, verdadeiro milagre do Amor de Deus. Neste Sacramento maravilhoso, o Senhor limpa a tua alma e inunda-te de alegria e de força para não desanimares na tua luta e para voltares de novo sem cansaço a Deus, mesmo quando tudo te pareça obscuro. Além disso, a Mãe de Deus, que é também nossa Mãe, protege-te com a sua solicitude maternal e dá-te confiança no teu caminhar»[31].

Poderia parecer supérfluo dizê-lo, mas sabemos que não é: os prediletos da misericórdia de Deus são os nossos irmãos na fé. «Pois o que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê»[32]. O nosso primeiro apostolado está no nosso próprio lar e entre aqueles que formam a casa de Deus que é a Igreja. O nosso zelo pelas almas seria uma ficção se o nosso coração fosse insensível aos demais cristãos. Deus quer que recebam muito amor para, por sua vez, o poder dar. Por isso é necessário ultrapassar, por exemplo, a habitação que por vezes se produz no convívio com as pessoas mais próximas, as distâncias que se criam quando apenas nos guiamos pela nossa afinidade natural, ou as pequenas tensões do dia a dia. «Dos primeiros seguidores de Cristo afirmava-se: vede

como eles se amam! Pode dizer-se o mesmo de ti, de mim, a toda a hora?»[33]. Muito espera Deus do amor fraterno dos cristãos para que a torrente da sua Misericórdia[34] abra caminho entre os homens, para que, com a força do Espírito, o mundo saiba que o Pai enviou o seu Filho e nos amou como o amou a Ele[35].

*Carlos Ayxelá*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] *Jo* 18, 36.

[2] *Mt* 26, 53.

[3] *Heb* 4, 12.

[4] Francisco, Homilia, 24-III-2016.

[5] *Jo* 16, 33.

[6] *Is* 55, 8.

[7] *Lc* 4, 5-6.

[8] *Sal* 2, 8.

[9] Bento XVI, Audiência, 13-III-2013.

[10] *Lc* 1, 78.

[11] *1 S* 16, 7.

[12] Cfr. *Ap* 3, 20.

[13] *Pr* 23, 26.

[14] *Os* 11, 2.

[15] Francisco, Homilia, 24-III-2016.

[16] S. Josemaría, *Sulco*, n. 864.

[17] *Mt* 9, 36.

[18] *Rm* 5, 5.

[19] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 230.

[20] S. Josemaría, *Caminho*, n. 171.

[21] Francisco, Mensagem para a Quaresma, 4-X-2014.

[22] Card. Joseph Ratzinger, Apresentação da *Via Sacra*, 25-III-2005.

[23] Trata-se do lema que o Santo escolheu quando foi feito Cardeal.

- [24] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, 169
- [25] Francisco, Discurso, 16-II-2016.
- [26] *Fil* 4, 7.
- [27] *Fil* 4, 4-5.
- [28] Cf. *Mt* 9, 10-1; *Jo* 4, 7 ss
- [29] Cfr. *Lc* 7, 36; 19, 6-7.
- [30] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 169.
- [31] *Amigos de Deus*, n. 214.
- [32] 1 *Jo* 4, 20.
- [33] *Sulco*, n. 921.
- [34] Cfr. Francisco, Homilia, 24-III-2016.
- [35] Cfr. *Jo* 17, 23.

## Com o carinho no olhar: misericórdia e fraternidade

Pouco a pouco, ao ritmo das festas litúrgicas e dos eventos do Jubileu, estamos a procurar «ter o olhar fixo na misericórdia»[1] durante este Ano santo. A partir da Bula de convocação do Jubileu, o Papa sublinhou que o mistério da misericórdia de Deus se dirige não só aos que vivem longe da casa do Pai, mas também aqueles que, com as suas limitações, procuram viver perto Deus: para que sejamos «também nós próprios sinal eficaz do agir do Pai (...), para que seja mais forte e eficaz o testemunho dos crentes»[2].

A misericórdia é «a trave mestra que sustem a vida da Igreja»[3], e por isso abarca todos os aspetos da existência dos cristãos. Num primeiro momento, poderia parecer tratar-se de um *slogan*, um modo diferente de falar das coisas de sempre; e, no entanto, é mais do que isso: a misericórdia é luz e força de Deus para redescobrir «com todos os santos a largura e o comprimento, a altura e a profundidade»[4] do seu Amor.

### **Rever o amor**

A reflexão tranquila sobre a misericórdia, como algo que nos toca de perto, ajudará a concretizar, no diálogo com o Senhor, onde o nosso amor se poderia ter enevado: se há algo em nós do filho mais velho da parábola do Pai misericordioso, que não era capaz de se alegrar com os outros[5]; ou do fariseu que ia ao templo satisfeito com as coisas que cumpria, mas com o coração frio[6]; ou do servo que, tendo-se feito perdoar pelo seu senhor, não estava disposto a passar por alto as pequenas dívidas de outro[7].

«Conheço as tuas obras, a tua fadiga e a tua constância (...); que tens paciência e que sofreste com o Meu nome, sem desfalecer. Mas

tenho contra ti que perdeste a caridade que tinhas ao princípio»[8]. Com estas palavras do Apocalipse, Deus bate à porta dos cristãos que se esforçam por viver com profundidade a sua fé; confirma-os no bem que fazem, mas empurra-os, ao mesmo tempo, para uma nova conversão. No mesmo comprimento de onda estão estas palavras de S. Josemaría, que nos podem ajudar a iluminar o fundo da alma:

«Cumpres um plano de vida exigente: madrugas, fazes oração, frequentas os Sacramentos, trabalhas ou estudas muito, és sóbrio, mortificas-te..., mas notas que te falta alguma coisa!

Leva ao teu diálogo com Deus esta consideração: como a santidade (a luta por atingi-la) é a plenitude da caridade, tens de rever o teu amor a Deus e, por Ele, aos outros. Talvez descubras então, escondidos na tua alma, grandes defeitos contra os quais nem sequer lutavas: não és bom filho, bom irmão, bom companheiro, bom amigo, bom colega (...)

"Sacrificas-te" em muitos pormenores "pessoais"; e por isso estás apegado ao teu eu, à tua pessoa e, no fundo, não vives para Deus nem para os outros; só para ti»[9].

A misericórdia de Deus, se deixamos que nos entre na alma, leva-nos a rever o amor, para descobrir as dobras em que o coração se poderia ter encolhido, adormecido, quase sem nos darmos conta; faz-nos descobrir que vivemos para os outros; retira-nos de um excessivo «desejo de segurança pessoal»[10] em que poderia haver pouco espaço para Deus e para os que nos acompanham ou nos saem ao encontro. A minha alegria, pergunta o Papa, está em «sair de mim mesmo para ir ao encontro dos outros, ou em «ter tudo resolvido, encerrado em mim mesmo»[11]?

### **Alegrar-se com os outros**

«Deus é alegria – dizia S. João Paulo II aos jovens – e na alegria de viver há um reflexo da alegria originária que Deus experimentou ao criar o homem»[12], e que volta a experimentar ao perdoar-nos: há «no Céu maior alegria por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão»[13]. No fundo do mistério da misericórdia divina lateja «a alegria de Deus



que quer entrar no mundo»[14]. Daí o pedido de S. Paulo: «o que exercita a misericórdia, que o faça com alegria»[15].

Por isso a misericórdia não é só uma mola que se ativaria unicamente diante da debilidade ou das imperfeições dos que nos rodeiam: é um amor sem reservas, que não calcula; uma luz que invade tudo, e que faz das virtudes cristãs traços amáveis e atrativos da personalidade e, sobretudo, irradiação de um Amor que não é deste mundo[16]. «A verdadeira virtude, escreveu S. Josemaría em *Caminho*, não é triste e antipática, mas amavelmente alegre»[17]. Anos mais tarde voltaria a essa mesma ideia, ponderando um comentário ouvido de passagem:

«- “Vocês são todos tão alegres! Ninguém o imaginaria”, ouvi comentar.

*Vem de longe o empenho diabólico dos inimigos de Cristo, que não se cansam de murmurar que as pessoas entregues a Deus são da espécie dos “soturnos”. E, infelizmente, alguns dos que querem ser “bons” servem-lhes de eco, com as suas ‘virtudes tristes’.*

*- Nós Te damos graças, Senhor, porque quiseste contar com as nossas vidas, ditosamente alegres, para apagar essa falsa caricatura.*

*- Peço-Te também que não o esqueçamos.»[18].*

A misericórdia, pois, para “funcionar”, para ser genuína, tem que invadir *alegremente* tudo na nossa vida. A alegria é predicado da juventude porque um espírito jovem não calcula, não põe limites. Para que a nossa vida cristã não seja uma «falsa caricatura», deve estar toda ela impregnada de alegre misericórdia. Esta não é uma visão utópica, porque a misericórdia é compatível com a debilidade, e de facto a própria debilidade permite-nos crescer em misericórdia, porque nos torna mais humildes e capazes de compreender que os que estão ao nosso lado também têm defeitos. Por isso, embora por vezes – porque fomos duros, porque não soubemos dar-nos aos outros, etc. – não conseguiremos refletir a misericórdia de Deus, podemos, ao menos, dizer ao Senhor que gostaríamos de *ser* misericordiosos em tudo. Ele nos ajudará a não calcular, a não fazer aceção de pessoas ou circunstâncias, de modo que se cumpra em nós aquilo de que «dar-se sinceramente aos outros é de tal eficácia, que

Deus o premeia com uma humildade plena de alegria»[19]. E daremos também então esse ar puro aos outros, que não é a «alegria fisiológica, de animal são»[20], porque a verdadeira alegria «procede de abandonar tudo e abandonar-te nos braços amorosos do nosso Pai-Deus»[21]. Quem se abandona assim em Deus, transmite, muitas vezes sem se aperceber, a alegria que Deus lhe dá; uma alegria que «nasce da gratuidade de um encontro», de «escutar: “Tu és importante para mim”, não necessariamente com palavras (...). E é precisamente isto o que Deus nos faz compreender»[22], e o que podemos fazer para compreender, também sem palavras, aos outros.

## Carinho

Quando S. Josemaría falava da caridade, muitas vezes chamava-a também *carinho*[23] – termo difícil de traduzir nalgumas línguas, mas central nos seus ensinamentos – para esclarecer que a verdadeira caridade não é «oficial, seca e sem alma» mas que está cheia de «calor humano»[24], de compreensão, de abertura. “Viver a caridade” é muito mais do que observar certas formas externas de educação ou guardar um respeito frio, que na realidade mantém o outro à distância: é abrir o coração[25], tirar as barreiras com que, por vezes, nos blindamos diante do que nos é menos amável no modo de ser dos outros. *Respeito* vem de *respectus*, olhar atento, consideração; o verdadeiro respeito não é uma educada resignação diante dos defeitos dos outros, com que ficamos protegidos atrás do nosso muro de defesa, mas um comportamento próximo, compreensivo, magnânimo, que nos permite olhar verdadeiramente nos olhos a cada um. A esta mesma atitude se refere o Papa quando fala da *ternura*, que é «caridade respeitosa e delicada»[26]: «procurai sempre – dizia numa ocasião – ser olhar que acolhe, mão que alivia e acompanha, palavra de consolo, abraço de ternura»[27].

«Seguindo o exemplo do Senhor, compreendei os vossos irmãos com um coração muito grande, que de nada se assuste, e amai-os de verdade (...). Ao ser muito humanos, sabereis passar por cima de pequenos defeitos e ver sempre, com compreensão maternal, o lado bom das coisas»[28]. Mesmo que já nos seja conhecida, é bom que

redescubramos a vibração de misericórdia que pulsa naquela comparação de S. Josemaría: «De uma maneira gráfica e brincando, fiz-vos notar a diferente impressão que se tem de um mesmo fenómeno, segundo se observe com carinho ou sem ele. E dizia-vos – e perdoai-me, porque é muito gráfico – que, da criança que *anda* com o dedo no nariz, as visitas comentam: “que porco!”, enquanto a mãe diz: vai ser investigador! Minhas filhas e meus filhos, já me compreendeis: temos de desculpar. Não manifesteis repugnância por miudezas espirituais ou materiais, que não têm demasiada importância. Olhai para os vossos irmãos com amor e chegareis à conclusão – cheia de caridade – de que *todos somos investigadores!*»[29].

As pessoas apresentam-se-nos de modo muito diverso conforme as observemos «com carinho ou sem ele». A misericórdia não é, pois, somente uma disposição louvável do coração; S. Josemaría mostra-la como uma condição necessária para conhecer os outros, sem as distorções geradas pelo nosso amor-próprio. Ao ver os outros com misericórdia, não adocicamos o olhar; vemo-los como os vê Deus; vemo-los como verdadeiramente são: homens e mulheres com virtudes que admiramos, mas também com defeitos que provavelmente os fazem sofrer, embora exteriormente não o manifestem, e que reclamam uma ajuda cheia de compreensão. Sem misericórdia, pelo contrário, perdemos ângulo de visão e profundidade de campo: empequenecemos os outros. Olhar com carinho – amar com o olhar – permite conhecer melhor, e assim também amar melhor. «O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, expande-se num crescendo de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração»[30].

### **Formas quotidianas de perdão**

A unidade de uma família não se identifica com a mera coabitação dos seus membros, como a paz não é a simples ausência de guerra. Num lar, numa empresa, poderia não haver grandes conflitos, e ao mesmo tempo existirem muros subteis com que uns se

protegem de outros. São muros que se levantam às vezes sem nos apercebermos, porque a convivência quotidiana traz consigo, quase inevitavelmente, tensões ou aborrecimentos: «Há fricções, diferenças... Mas isso são coisas habituais, que até certo ponto contribuem mesmo para dar o seu sal aos nossos dias. São insignificâncias, que o tempo supera sempre»[31]. O tempo acaba por mostrar – sempre que não deixemos que a soberba as aumente – que algumas coisas a que na altura dávamos muita importância, na realidade não a tinham. Por isso, especialmente na vida familiar, é importante estar atentos para evitar que se elevem, por pouco que seja, esses muros às vezes quase impercetíveis que nos distanciam uns dos outros. Se, em lugar de passar por alto as coisas que nos são desagradáveis, alimentássemos ressentimentos, aquilo que em si é “normal” e inofensivo poder-nos-ia entorpecer pouco a pouco o coração, de modo que o nosso convívio com os outros, e assim o ambiente da casa, se fosse rarefazendo.

A misericórdia faz-nos sair do círculo vicioso do ressentimento, que leva a entesourar uma lista de agravos, em que o *eu* sai sempre enaltecido à custa das deficiências dos outros, reais ou imaginárias. O Amor de Deus empurra-nos, pelo contrário, a procurá-Lo no nosso coração, para encontrar ali o nosso desafogo. «Por onde começar para desculpar as pequenas ou grandes ofensas que sofremos todos os dias? Em primeiro lugar pela oração (...). Começa-se pelo próprio coração: podemos enfrentar com a oração o ressentimento que experimentamos, encomendando quem nos fez o mal à misericórdia de Deus: “Senhor, peço-te por ele, peço-te por ela”. Depois descobre-se que esta luta interior para perdoar purifica do mal e que a oração e o amor nos libertam das cadeias interiores do rancor. É tão feio viver no rancor! Todos os dias temos ocasião de nos treinar para perdoar, para viver este gesto tão elevado que aproxima o homem de Deus»[32]. S. Josemaría, por exemplo, costumava rezar nos *mementos* da Missa também por aqueles que lhe tinham procurado fazer algum mal[33].

Um coração misericordioso é um coração ágil, que consegue encaixar «com desportivismo», sem dramatismos, os episódios menos agradáveis do dia[34]. Por vezes pode-nos custar perdoar,

porque se acumula em nós o cansaço, o mal-estar, a tensão. Mas é bom que – com a ajuda de Deus, que não falta – aspiremos a perdoar imediatamente, e mesmo a perdoar por antecipação, com magnanimidade, sem medir. Se, por assim dizer, damos margem aos outros – margem para se enganarem, para serem inoportunos, para estarem nervosos – não lhes teremos que perdoar como quem faz uma concessão: perdoar-lhes-emos sem nos darmos importância, com uma caridade que «tudo aguenta, tudo crê, tudo espera, tudo suporta»[35]. Sem dúvida, poderá custar-nos digerir o desencontro; e, na altura própria, talvez convenha fazer um comentário delicado a essa pessoa, que a ajude a melhorar; mas, em qualquer caso, podemos perdoar logo, ainda que doa. Muitas vezes nem sequer explicitar devemos explicitá-lo com palavras, para não nos determos mais no episódio, e bastará a nossa proximidade e uma ponta de humor para tirar dramatismo às coisas. Quando superamos a tentação de devolver mal por mal, ou frialdade por frialdade, o Senhor enche-nos a alma; podemos dizer então com o salmista: «*miser cordia tua super vitas*, A Tua misericórdia vale mais do que a vida»[36]; e com S. Josemaría, que sabia que era o Senhor que lhe aumentava o coração: «não necessitei de aprender a perdoar, porque o Senhor me ensinou a amar»[37].

*Carlos Ayxelá*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Francisco, Bula *Misericordiae vultus*, 11-IV-2015, n. 3.

[2] *Ibidem*

[3] *Ibidem*, n. 10.

[4] *Ef* 3, 18.

[5] Cfr. *Lc* 15, 28-32.

[6] Cfr. *Lc* 18, 10-14.

[7] Cfr. *Mt* 18, 23-35.

[8] *Ap* 2, 2-4.

[9] S. Josemaría, *Sulco*, n. 739.

- [10] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 18.
- [11] Francisco, Homilia em Santa Marta, 25-II-2016.
- [12] S. João Paulo II, Discurso, 6-IV-1995.
- [13] *Lc* 15, 7.
- [14] Bento XVI, Homilia, 18-IV-2010. Cfr. S. Tomás de Aquino, *Super Psalmos*, 24 n. 6: «Em Deus reconhece-se a bondade, quer dizer, a comunicação de bens às criaturas, pois o bem é difusivo de si mesmo. A misericórdia, por seu lado, refere-se a uma especial efusão de bondade para remover a miséria».
- [15] *Rm* 12, 8.
- [16] Cfr. *Jo* 17, 21.
- [17] S. Josemaría, *Caminho*, n. 657.
- [18] *Sulco*, n. 58.
- [19] S. Josemaría, *Forja*, n. 591.
- [20] *Sulco*, n. 659.
- [21] *Ibidem*.
- [22] Francisco, Discurso, 6-VII-2013.
- [23] Cfr., por exemplo, *Sulco*, n. 821; *Forja*, n. 148; *Amigos de Deus*, nn. 125, 229; *Cristo que passa*, n. 36.
- [24] *Cristo que passa*, n. 167.
- [25] Cfr. *Amigos de Deus*, n. 225.
- [26] Francisco, Mensagem, 6-XII-2013.
- [27] Francisco, Discurso, 9-XI-2013.
- [28] S. Josemaría, *Carta 29-IX-1957*, n. 35 (citado em E. Burkhart – J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría. Estudio de teología espiritual*, Rialp, Madrid 2011, vol. II, pp. 331-332).
- [29] *Ibidem*.
- [30] *Via Sacra*, VIII, n. 5.
- [31] S. Josemaría, *Temas actuais do cristianismo*, n. 101.
- [32] Francisco, Angelus, 26-XII-2015.
- [33] Cfr. Javier Echevarría, *Vivir la Santa Misa*, Rialp, Madrid 2010, pp. 106, 151.
- [34] Cfr. *Temas actuais do cristianismo*, n. 91.
- [35] *1 Cor* 13, 7.
- [36] *Sal* 63, 4.

[37] *Sulco*, n. 804.

## “A Mim o fizeste”: as obras de misericórdia corporais

O nosso Deus não se limitou a dizer que nos ama. Ele próprio nos modelou a partir do pó da terra[1]; «foram as mãos de Deus que nos criaram: o Deus artesão»[2]. Criou-nos à Sua imagem e semelhança e quis mesmo fazer-se «um dos nossos»[3]: O Verbo fez-se carne, trabalhou com as suas mãos, carregou sobre os Seus ombros toda a miséria dos séculos e quis conservar por toda a eternidade as chagas da Sua paixão, como um sinal permanente do Seu amor fiel. Por tudo isso os cristãos não só nos chamamos filhos de Deus, mas somo-lo[4]: para Deus, e para os seus filhos, o amor «nunca poderá ser uma palavra abstrata. Pela sua própria natureza é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam no viver quotidiano»[5]. S. Josemaría prevenia assim face «à mentalidade daqueles que vêm o cristianismo como um conjunto de práticas ou atos de piedade, sem se aperceberem da sua relação com as situações da vida corrente, com a urgência de atender as necessidades dos outros e de esforçar-se por remediar as injustiças. Diria que quem tem essa mentalidade não compreendeu ainda o que significa que o Filho de Deus tenha encarnado, que tenha tomado corpo, alma e voz de homem, que tenha participado no nosso destino até experimentar a ruptura suprema da morte»[6].

### **Chamados à misericórdia**

Na cena do juízo final que Jesus apresenta no Evangelho, tanto os justos como os injustos se perguntam, perplexos, e perguntam ao Senhor, quando é que O *viram* faminto, nu, doente e o auxiliaram, ou o deixaram de fazer[7]. E o Senhor responde-lhes: «Em verdade vos digo que quanto fizeste a um destes meus irmãos mais pequenos,



a Mim o fizeste» (*Mt 25,40*). Não é apenas um modo bonito de dizer, como se o Senhor só nos animasse a lembrarmo-nos d'Ele, e a seguir o seu exemplo de misericórdia; Jesus diz com solenidade: «em verdade vos digo... a Mim o fizeste». Ele «uniu-se, de certo modo, com todo o homem»[8], porque levou o amor até ao fim: «ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (*Jo 15,13*) Ser cristãos significa entrar nessa incondicionalidade do amor de Deus, deixar-se cativar pelo «amor sempre maior de Deus»[9].

Nesta passagem do Evangelho, o Senhor fala de fome, sede, peregrinação, nudez, doença e prisão [10]. As obras de misericórdia seguem esta mesma pauta; os Padres da Igreja comentaram-nas com frequência e iniciaram o seu desdobramento em obras corporais e espirituais, obviamente sem pretenderem abarcar todas as situações de indigência. Com o decorrer dos séculos, acrescentou-se às primeiras o dever de dar sepultura aos defuntos, com a correspondente obra espiritual: a oração pelos vivos e defuntos. Nos próximos dois artigos vamos percorrer estas obras em que a sabedoria cristã sintetizou a nossa vocação para a misericórdia. Porque de vocação se trata – e vocação universal – quando o Senhor diz aos seus discípulos de todos os tempos: «Sede misericordiosos como o vosso Pai celestial é misericordioso» (*Lc 6,36*). As obras de misericórdia suscitam diante de nós essa chamada. «Seria bonito que as decorassem – sugeria recentemente o Papa – assim é mais fácil fazê-las!»[11].

### **Solidariedade em direto**

Quando, ao rever as obras de misericórdia corporais, olhamos à nossa volta, em bastantes partes do mundo constataremos, talvez, num primeiro momento que não são frequentes as situações para as exercitar. Séculos atrás a vida humana estava muito mais exposta às forças da natureza, à arbitrariedade dos homens e à fragilidade do corpo; hoje, pelo contrário, há muitos países em que raramente se apresentará – salvo no caso de emergências ou catástrofes naturais – a necessidade imediata de dar sepultura a um defunto, ou de acolher alguém sem teto, porque a própria organização dos Estados provê

esse serviço. E, no entanto, não são poucos os lugares da terra em que cada uma destas obras de misericórdia está na ordem do dia. E, mesmo nos países mais desenvolvidos, junto da provisão de serviços da assistência social existem muitas situações de grande precariedade material – o assim chamado *quarto mundo*.

A todos nos cabe tomar consciência destas realidades e pensar em que medida podemos contribuir para as remediar. «Há que abrir os olhos, há que saber olhar à nossa volta e reconhecer esses apelos que Deus nos dirige através daqueles que nos rodeiam. Não podemos viver de costas para a multidão, encerrados no nosso pequeno mundo. Não foi assim que Jesus viveu. Os Evangelhos falam-nos muitas vezes da sua misericórdia, da sua capacidade de participar na dor e nas necessidades dos outros»[12].

Um primeiro movimento das obras de misericórdia corporais é a solidariedade com todos os que sofrem, ainda que os não conheçamos: «Não só nos preocupam os problemas de cada um, como nos solidarizamos plenamente com os outros cidadãos nas calamidades e desgraças públicas, que nos afetam do mesmo modo»[13]. À primeira vista poderia parecer que esta atitude é um sentimento louvável, mas inútil. E, no entanto, esta solidariedade é o *humus* em que pode crescer com vigor a misericórdia. Do latim *solidum*, *solidaridad* denota a convicção de pertencer a um todo, de modo que sentimos como próprias as vicissitudes dos outros. Ainda que o termo tenha sentido mesmo a nível meramente humano, para um cristão adquire toda a sua força. «Já não vos pertenceis», diz S. Paulo aos Coríntios (*1 Cor* 6,19). A afirmação poderia inquietar o homem contemporâneo, como uma ameaça à sua autonomia. E, no entanto, o que nos diz é simplesmente, em expressão frequente entre os últimos pontífices, que a humanidade, e em particular a Igreja, é uma «grande família»[14].

«Mantende o amor fraterno... Recordai-vos dos presos, como se estivésseis na prisão com eles, e dos que sofrem, pois também vós viveis num corpo» (*Hb* 13,1-3). Ainda que não seja possível estar ao corrente das doenças de cada homem, nem remediar materialmente todos esses problemas, um cristão não se desinteressa deles, porque os ama com o coração de Deus: Ele «é maior do que o nosso coração

e conhece tudo» (1 Jo 3,20). Quando na Santa Missa pedimos ao Pai que «fortalecidos com o Corpo e o Sangue do Teu Filho e cheios do Seu Espírito Santo, formemos em Cristo um só corpo e um só espírito»[15], olhamos para a plenitude do que já é uma realidade que cresce silenciosamente, «como um bosque, onde as árvores boas contribuem com solidariedade, comunhão, confiança, apoio, segurança, sobriedade feliz, amizade»[16].

A solidariedade ao *modo cristão* concretiza-se, pois, em primeiro lugar na oração pelos que sofrem, ainda que os não conheçamos. A maior parte das vezes não veremos os frutos dessa oração, feita também de trabalho e sacrifício, mas estamos convencidos de que «tudo isso dá voltas pelo mundo como uma força de vida»[17]. Por este mesmo motivo, o Missal romano contém um grande número de Missas por várias necessidades, que cobrem os motivos de todas as obras de misericórdia. A oração dos fiéis, no final da liturgia da Palavra, desperta também em nós «o desvelo por todas as igrejas» e por todos os homens, de modo que possamos chegar a dizer com S. Paulo: «Quem desfalece sem que eu desfaleça? Quem tem um tropeço sem que eu me abrase de dor?» (2 Co 12,28-29).

A solidariedade também se desdobram em «simples gestos quotidianos onde quebramos a lógica da violência, do aproveitamento, do egoísmo», frente ao «mundo do consumo exacerbado», que é ao mesmo tempo «o mundo do maltrato da vida em todas as suas formas»[18]. Antigamente era costume em muitas famílias beijar o pão quando caía ao chão; reconhecia-se assim o trabalho necessário para conseguir o alimento, e agradecia-se a possibilidade de ter algo que levar à boca. «Dar de comer a quem tem fome» pode concretizar-se, pois, em comer o que nos servem, em evitar caprichos desnecessários, em aproveitar com criatividade as sobras de comida; «dar de beber a quem tem sede», talvez nos leve a evitar o desperdício desnecessário de água, que em tantos lugares é um bem escassíssimo[19]; «vestir os nus» concretizar-se-á também em cuidar da roupa, *herdá-la* de uns irmãos para outros, passar por cima às vezes do *dernier cri* da moda, etc. Dessas pequenas – ou não tão pequenas – renúncias poderão sair esmolas para dar alegrias aos mais necessitados, como ensinava S. Josemaría aos jovens de S.

Rafael; ou também donativos para ir ao encontro de emergências humanitárias. Há uns meses atrás o Papa dizia-nos a propósito que, «se o jubileu não chega aos bolsos, não é um verdadeiro jubileu»[20].

### **Hospitalidade: não abandonar os débeis**

Os pais, em primeiro lugar com o seu exemplo, podem fazer muito para «ensinar os seus filhos a viver assim (...); ensinar-lhes a superar o egoísmo e a empregar parte do seu tempo com generosidade em serviço dos menos afortunados, participando em tarefas, adequadas à sua idade, em que se manifeste um desejo de solidariedade humana e divina»[21]. Como a caridade é ordenada – porque seria falsa a de quem se virasse para aqueles que vivem longe e se desinteressasse pelos que o rodeiam – essa superação do egoísmo começa habitualmente no próprio lar. Todos, pequenos e mais velhos, temos que aprender a levantar o olhar para descobrir as pequenas indigências quotidianas dos que vivem connosco. Em particular, é necessário acompanhar os familiares e amigos que sofrem de doenças, sem considerar as suas dores como uma distorção para a qual haveria que encontrar soluções meramente técnicas «“Não me afastes agora na velhice, vão-me faltando as forças, não me abandones” (*Sal* 71,9). É o clamor do ancião, que teme o esquecimento e o desprezo»[22]. São muitos os avanços da ciência que permitem melhorar as condições dos doentes, mas nenhum deles pode substituir a proximidade humana de quem, em lugar de ver neles um peso, adivinha «Cristo que passa», Cristo que necessita que O cuidemos. «Os doentes são Ele»[23], escreveu S. Josemaría, em expressão audaz, que reflete a chamada exigente do Senhor: «em verdade vos digo... a Mim o fizestes» (*Mt* 25,40).

«Quando Te vimos doente ou na prisão e Te viemos ver?». Por vezes, pode custar ver Deus por trás da pessoa que sofre, porque está de mau humor ou desgostosa, ou porque manifesta exigências ou egoísmos. Mas a pessoa doente, precisamente pela sua debilidade, torna-se ainda mais merecedora desse amor. Um resplendor divino ilumina os traços do homem doente que se assemelha a Cristo

dorido, tão desfigurado que «não há n'Ele parecer nem formosura que atraia o nosso olhar, nem beleza que nos agrade d'Ele» (Is 53,2).

A atenção aos doentes, aos idosos, aos moribundos, requer por isso boas doses de paciência, e de generosidade com o nosso tempo, especialmente quando se trata de doenças que se prolongam no tempo. O bom Samaritano «tinha igualmente os seus compromissos e as suas coisas que fazer»[24]. Mas aqueles que como ele fazem dessa atenção uma tarefa ineludível, sem se refugiarem na frieza de soluções que no fim de contas consistem em descartar aqueles que humanamente já podem contribuir pouco, o Senhor diz-lhes: «se compreendeis isto e o fazeis, sereis bem-aventurados» (Jo 13,17). Àqueles que souberam cuidar dos débeis, Deus reserva-lhes uma receção cheia de ternura: «vinde, benditos de meu Pai» (Mt 25,34).

«A grandeza da humanidade – escreveu Bento XVI – é determinada essencialmente pela sua relação com o sofrimento e com aquele que sofre. Isto é válido tanto para o indivíduo como para a sociedade. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir mediante a compaixão para que o sofrimento seja partilhado e suportado também interiormente, é uma sociedade cruel e desumana»[25]. Por isso, os doentes devolvem-nos a humanidade que se perde às vezes diante do ritmo agitado do mundo: recordam-nos que as pessoas são mais importantes do que as coisas, o ser do que a função.

Algumas pessoas, porque Deus as levou por esse caminho, ou porque o escolheram para si, acabam por dedicar uma parte importante dos seus dias a cuidar daqueles que sofrem, sem esperar que ninguém reconheça a sua tarefa. Ainda que não estejam nos guias de viagens, eles são parte do autêntico *património da humanidade*, porque nos ensinam a todos que estamos no mundo para cuidar[26]: esse é o sentido perene da hospitalidade, do acolhimento.

Raramente nos caberá enterrar um defunto, mas podemos acompanhá-lo a ele e aos seus familiares nos seus últimos momentos. Por isso a participação num funeral é sempre mais do que uma obrigação social. Se vamos ao fundo desses gestos, veremos que guardam o pulsar da genuína humanidade, que se abre à

eternidade. «Também aqui a misericórdia dá a paz a quem parte e a quem permanece, fazendo-nos sentir que Deus é maior do que a morte, e que permanecendo n'Ele mesmo a última separação é um “até à vista”»[27].

### **Criatividade: trabalhar com o que há**

Famílias que emigram fugindo da guerra, pessoas no desemprego, «prisioneiros das novas escravaturas da sociedade moderna»[28] como as dependências das drogas, do álcool, o hedonismo, a ludopatia... São muitas as necessidades materiais que podemos detetar à nossa volta. Pode não se saber por onde ou como começar. E, no entanto, a experiência demonstra que muitas pequenas iniciativas, dirigidas a resolver alguma carência do nosso ambiente mais próximo, iniciadas com o que se tem e com quem pode – a maior parte das vezes com mais bom humor e criatividade do que tempo, recursos económicos ou facilidades das entidades públicas – acabam por fazer muito bem, porque a gratuidade gera um agradecimento que é motor de novas iniciativas: a misericórdia encontra misericórdia[29], contagia-a. Cumpre-se a parábola evangélica do grão de mostarda: «é, sem dúvida, a mais pequena de todas as sementes, mas quando cresce é a maior das hortaliças, e chega a fazer-se como uma árvore, ao ponto das aves do céu irem fazer os ninhos nos seus ramos» (*Mt 13,32*)

As necessidades de cada lugar e as possibilidades de cada um são muito variadas. O melhor é apostar em algo que esteja ao alcance da mão e pôr-se a trabalhar. Com o tempo, muitas vezes menos do que pensaríamos, abrem-se portas que parecia que iam permanecer fechadas. E chega-se então aos encarcerados, aos prisioneiros de tantas outras dependências, que estão abandonados como nos túneis de um mundo que os descartou quando se perderam.

Há quem, por exemplo, esteja assoberbado de trabalho e ainda que pensasse não ter tempo para estes trabalhos, descobre o modo de redirigir parte dos seus esforços para realidades que ocupem outros e os retirem do buraco de quem está na vida sem um rumo. Surgem sinergias: um põe pouco tempo mas capacidade de gestão e

relações... outro, com menos capacidade de organizar, põe horas de trabalho. Para os reformados, por exemplo, abre-se assim o panorama de uma segunda juventude, em que podem transmitir muito da sua experiência da vida: «independentemente do seu grau de instrução ou de riqueza, todas as pessoas têm algo para contribuir na construção de uma civilização mais justa e fraterna. De modo concreto, creio que todos podem aprender muito do exemplo de generosidade e de solidariedade das pessoas mais simples; essa sabedoria generosa que sabe “acrescentar mais água aos feijões”, de que o nosso mundo está tão necessitado»[30].

\* \* \*

Evocando os seus primeiros anos de sacerdote em Madrid, o nosso Padre recordava como ia por aqueles descampados «a enxugar lágrimas, a ajudar os que precisavam de ajuda, a tratar com carinho as crianças, os idosos, os doentes; e recebia muita correspondência de afeto..., e alguma ou outra pedrada»[31]. E pensava nas iniciativas que hoje, ao lado de tantas promovidas pelos cristãos e por outras pessoas, são uma realidade em muitos locais do mundo; e que têm que continuar a crescer «*quasi fluvium pacis*, como um rio de paz»[32]: «Hoje para mim isto é um sonho, um sonho bendito, que vivo em tantos bairros extremos de grandes cidades, onde tratamos as pessoas com carinho, olhando-as nos olhos, de frente, porque todos somos iguais»[33].

*Carlos Ayxelá*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. Gn 3,7; Sb 7,1.

[2] Francisco, Homilia em Santa Marta, 12-XI-2013.

[3] Conc. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes* (7-XII-1965), 22.

[4] Cfr. 1 Jo 3,1.

[5] Francisco, Bula *Misericordiae vultus* (11-IV-2015), 9.

[6] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 236.

[7] Cfr. Mt 25,36.44.

- [8] Conc. Vat. II, *Gaudium et spes*, 22.
- [9] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 6; Cfr. S. João Paulo II, Enc. *Redemptor hominis*(4-III-1979), 9.
- [10] Cfr. Mt 25,35-36.
- [11] Francisco, *Angelus*, 13-III-2016.
- [12] *Cristo que passa*, 146.
- [13] Carta 14-II-1950, 20; citado por Burkhart, E.; López, J., *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría, II*, Rialp, Madrid 2011, p. 314.
- [14] Cfr. por exemplo, S. Paulo VI, *Mensagem à Assembleia Geral das Nações Unidas*, 24-V-1978; S. João Paulo II, Enc. *Dives in misericordia* (30-XI-1980) 4, 12; Bento XVI, *Mensagem para a XLI Jornada mundial da paz*, 8-XII-2007.
- [15] Missal Romano, *Oração Eucarística III*.
- [16] Francisco, *Discurso*, 28-XI-2014.
- [17] Francisco, *Evangelii gaudium*, 279.
- [18] Francisco, Enc. *Laudato si* (24-V-2015), 230.
- [19] Cfr. *ibidem*, 27-31.
- [20] Francisco, *Audiência*, 10-II-2016.
- [21] *Temas atuais do cristianismo*, 111.
- [22] Francisco, Ex. Ap. *Amoris laetitia* (19-III-2016), 191.
- [23] S. Josemaría, *Caminho*, n. 419.
- [24] Francisco, *Audiência*, 27-IV-2016.
- [25] Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), 38
- [26] Cfr. Francisco, *Evangelii gaudium*, 209.
- [27] Francisco, *Audiência*, 10-IX-2014.
- [28] Francisco, *Misericordiae vultus*,16.
- [29] Cfr. Mt 5,7.
- [30] Francisco, *Vídeo-mensagem*, 1-I-2015.
- [31] S. Josemaría, *Notas de uma reunião familiar*, 1-X-1967 (citado em S. Bernal, *Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del OpusDei*; Rialp, Madrid 1980, 6ª ed., p. 191).
- [32] Is 66,12 (Vulg).
- [33] S. Josemaría, *Notas de uma reunião familiar*, 1-X-1967.



## Uma serena atenção: as obras de misericórdia espirituais

A Igreja tem a sabedoria de uma boa mãe, que sabe o que necessitam os seus filhos para crescerem sãos e fortes, no corpo e no espírito. Com as obras de misericórdia, convida-nos a descobrir sempre de novo que tanto o corpo como a alma dos nossos irmãos os homens necessitam de cuidados e que Deus nos confia a cada um essa guarda atenta. «O objeto da misericórdia é a própria vida humana na sua totalidade. A nossa própria vida enquanto “carne” está faminta e sedenta, necessitada de vestuário, de casa e de visitas, bem como de um enterro digno, coisa que ninguém pode dar a si mesmo (...). A nossa própria vida, enquanto “espírito”, necessita de ser educada, corrigida, animada, consolada (...). Necessitamos que outros nos aconselhem, nos perdoem, nos apoiem e rezem por nós»[1].

Vamos considerar agora as obras espirituais, que respeitam à fome e à sede, à nudez e ao desamparo, à doença e à prisão que experimenta, de formas tão diversas, o coração humano: formas de mendicidade espiritual que a todos atacam e que descobrimos também, se não adormecemos, à nossa volta[2]. Mesmo com o peso que levemos às nossas costas, Deus espera que o nosso coração se comova como o Seu, que não se insensibilize diante das necessidades dos outros. «No meio de tanto egoísmo, de tanta indiferença – cada um a tratar do seu! – recordo aqueles burriquitos de madeira, fortes, robustos, trotando sobre uma mesa... – Um perdeu uma pata. Mas continuava para a frente, porque se apoiava nos outros»[3].

### **A misericórdia de todos os dias**

S. Josemaria recordava numa ocasião a sua alegre experiência de generosidade cristã, confirmada ao longo dos anos: «conheço milhares de estudantes (...) que renunciaram a construir o seu pequeno mundo privado, dando-se aos outros mediante um trabalho profissional, que procuram fazer com perfeição humana, em obras de ensino, de assistência, sociais, etc., com um espírito sempre jovem e cheio de alegria»[4]. Onde há um cristão que se reconhece «como marcado a fogo por essa missão de iluminar, abençoar, vivificar, elevar, curar, libertar», encontramos «a enfermeira da alma, o docente da alma, o político da alma, esses que decidiram a fundo estar com os outros e para os outros. Mas se se separa o trabalho por um lado e a própria privacidade por outro, tudo se torna cinzento e estará permanentemente à procura de reconhecimentos ou a defender as suas próprias necessidades»[5]. «Porque somos todos homens e todos filhos de Deus, não podemos conceber a nossa vida como a trabalhosa preparação de um brilhante *curriculum*, de uma luzida carreira»[6]. É lógico que nos entusiasmemos com os horizontes que se abrem diante de nós no nosso trabalho; mas esse entusiasmo, se não pretende ser delírio – « vaidade das vaidades » (Co 1,2) – deve estar inspirado pela paixão de iluminar as inteligências, pacificar as tensões, confortar os corações.

Todos influímos, de um modo ou de outro, na cultura e na opinião pública; não só os escritores, os professores, os profissionais da comunicação. Cada um a seu modo pode fazer muito por «ensinar o ignorante», «dar bom conselho» e «corrigir o que erra»: aos que são vítimas, mesmo sem o saberem, da superficialidade ou das ideologias; aos que têm sede de saber, de beber das fontes da sabedoria humana e divina; aos que não conhecem Cristo, «nem viram a beleza do Seu rosto, nem conhecem a maravilha da Sua doutrina»[7]. O esforço por pensar a fé, de modo que se reconheça o resplendor da verdade; a disposição para complicar a vida, organizando meios de formação nos contextos mais diversos; o entusiasmo por dar forma cristã à própria profissão, purificando-a de abusos e abrindo-lhe horizontes; o interesse dos professores por fazer crescer os seus alunos; a iniciativa para orientar com a nossa experiência os que se iniciam no mundo profissional; a disposição

para ajudar ou aconselhar os colegas nas suas dificuldades; o apoio aos jovens que não se decidem a formar uma família por causa da precariedade das suas condições de trabalho; a nobreza e a valentia de «corrigir o que erra»... Estas, e outras atitudes que vão muito para além de éticas minimalistas, dão forma à *misericórdia corrente* que Deus pede aos cristãos da rua.

Embora, sem dúvida, convenha dar vida a projetos ali onde tenhamos possibilidade de dar uma mão, o terreno habitual da misericórdia é um dia a dia de trabalho regido pela paixão de ajudar: que mais posso fazer? Quem mais posso implicar? Tudo isto é misericórdia *em ato*, sem horários, sem cálculos: «uma misericórdia dinâmica, não como um substantivo coisificado e definido, nem como adjetivo que decora um pouco a vida, mas como verbo – *misericordiar e ser misericordiadados* – »[8].

### **Cobrir a debilidade do outro**

Este binómio – *misericordiar e ser misericordiadados* – traduz a bem-aventurança mais específica deste ano jubilar: «bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (*Mt 5,7*): abre-se neles caminho à misericórdia, porque ao dá-la recebê-la-ão do alto. O génio de Shakespeare sintetizou-o assim: «A misericórdia não é obrigatória; cai como a doce chuva do céu sobre a terra que está debaixo dela. É uma dupla bênção: abençoa quem a concede e quem a recebe»[9].

Aos misericordiosos, pois, o Senhor não lhes promete apenas clemência e compreensão no final dos seus dias, mas também uma medida generosa de dons – *o cem por um* (*Mt 19, 29*) – nesta vida: o misericordioso apercebe-se mais intensamente de como Deus lhe perdoa e o compreende; alegra-se por sua vez perdoando e compreendendo, ainda que doa; e experimenta também a alegria de ver como a misericórdia de Deus se *contagia*, através dele, aos outros. «Porque o néscio de Deus é mais sábio do que os homens, e o débil de Deus é mais forte do que os homens» (*1 Co 1,25*). Quando afogamos o mal com abundância de bem; quando evitamos que a dureza dos outros nos endureça o coração, e não respondemos à

frieza com mais frieza; quando resistimos a derramar sobre os que nos rodeiam as nossas dificuldades; quando nos esforçamos por ultrapassar a nossa suscetibilidade e o nosso amor-próprio, então travamos «as batalhas de Deus (...). Não há outro remédio senão travar com empenho esta formosíssima guerra de amor, se verdadeiramente queremos conseguir a paz interior, e a serenidade de Deus para a Igreja e para as almas»[10].

Outra das obras de misericórdia espirituais consiste em «suportar com paciência os defeitos dos outros». Não se trata apenas de não pôr em evidência o outro, de não o apontar a dedo; a misericórdia cobre a debilidade do outro, como os filhos de Noé[11], ainda que ao cobri-lo se note o «odor» dos seus defeitos. Uma misericórdia distante não seria misericórdia. O «odor a ovelha»[12] – porque todos na Igreja somos «ovelha e pastor»[13] – não costuma ser agradável, mas expor-se a ele é um sacrifício que, realizado sem alaridos, sem que se note, tem um aroma muito agradável a Deus: o *bonus odor Christi*[14]. Quando jejuas, perfuma a tu cabeça e lava a cara, para que os homens não notem que jejuas, mas teu Pai, que está no oculto» (Mt 6,17-18)

A misericórdia inverte uma fácil tendência a ser exigentes com os outros e transigentes connosco próprios. Descobrimos então, com frequência, que o que nos parecia um defeito era simplesmente uma *etiqueta* que tínhamos posto ao outro, talvez, por um episódio isolado ou por uma impressão a que tínhamos dado demasiada importância; um «juízo sumário» que cristalizou, e que nos impede de o ver como é, porque nos apercebemos apenas desse lado negativo, desse traço aumentado pelo nosso amor-próprio. A misericórdia de Deus ajuda-nos a evitar e, se for o caso, a superar essas opiniões severas, de que às vezes não estamos demasiado conscientes. Também aqui se aplica aquela sentença tão sábia de Tertuliano de que «deixam de odiar os que deixam de ignorar, *desinunt odisse qui desinunt ignorare*»[15]. Um desafio da *misericórdia corrente*, é, pois, conhecer melhor aqueles que nos rodeiam, e evitar *etiquetá-los*: pais, filhos, irmãos; vizinhos, colegas... Além disso, quando compreendemos uma pessoa, quando não desesperamos dela, ajudamo-la a crescer; e pelo contrário, a

fixação nas insuficiências produz uma tensão, uma apreensão com as quais dificilmente pode brotar o melhor de cada um. Toda a nossa relação com os outros, especialmente na família, deve ser «um “pastoreio” misericordioso»: sem paternalismos, «cada um, com cuidado, pinta e escreve na vida do outro»[16].

É preciso também misericórdia para aguentar sem ressentimento a dureza com que os outros, por vezes, nos possam tratar. Não é fácil amar quando se recebem coices ou indiferença, mas «se apenas saudais os vossos irmãos, o que é que fazeis de mais? Não fazem isso também os pagãos?» (*Mt 5,47*). O ar cristão não se caracteriza apenas pela mútua compreensão mas também pela disposição a reconciliar-se quando falhamos ou quando nos tratam com desdém. A atitude sincera de «perdoar as ofensas» é a única via para quebrar as espirais de incompreensão que vemos levantar-se á nossa volta e que são, quase sempre, espirais de desconhecimento mútuo. Esta não é uma atitude idealista para ingénuos que não estão em contacto com a mesquinhez ou com o cinismo, mas com a «força de Deus» (*1 Co 1, 19*): uma brisa suave, capaz de derrubar as estruturas mais imponentes.

### **Enviados a consolar**

«Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em todas nossas tribulações, para que também nós sejamos capazes de consolar os que se encontram em qualquer tribulação, mediante o consolo com que nós mesmos somos consolados por Deus» (*2 Co 1,3-4*). O cristão sofre como os outros homens; sofre por vezes mais pelas incompreensões ou pelas dificuldades que lhe cria a sua fidelidade a Deus[17]; mas, ao mesmo tempo, os sofrimentos tornam-se-lhes mais ligeiros, porque tem o consolo do seu Pai. «Esta é a tua segurança, o ancoradouro onde lançar a âncora, aconteça o que acontecer na superfície deste mar da vida. E encontrarás alegria, força, otimismo, vitória!»[18]. O consolo que Deus nos dá torna-nos capazes de consolar; envia-nos ao mundo para consolar, porque a «nossa tristeza infinita só se cura com um infinito amor»[19].

Para «consolar o que está triste» é necessário aprender a ler as necessidades dos outros. Há pessoas que estão tristes porque experimentam a «amargura que provém da solidão ou da indiferença»[20]; outras porque estão submetidas a muita tensão e necessitam de descansar: tratar-se-á de as acompanhar e, às vezes, de as ensinar a descansar, porque nunca aprenderam essa arte. Um bom filho de Deus procura imitar a tarefa discreta do verdadeiro Consolador, «descanso no trabalho, alívio no calor, consolo no pranto»[21]; atender os outros sem que notem que lhes estamos a dedicar tempo, sem que tenham a impressão de que lhes concedemos audiência, ou de que os *gerimos*. «Estamos a falar de uma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe estar plenamente presente diante de alguém sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como dom divino que deve ser plenamente vivido»[22] Um filho de Deus caminha pela existência com a convicção profunda de que «cada pessoa é digna da nossa entrega»[23]; o sorriso, a disposição para ajudar, o interesse verdadeiro pelos outros, também por aqueles que nem sequer conhecemos, podem mudar-lhes o dia e às vezes a vida.

Com todos, conhecidos e desconhecidos, a nossa misericórdia encontrará um «caudal largo, manso e seguro»[24] na oração: «Interceder, pedir em favor de outro, é, desde Abraão, o próprio de um coração conforme à misericórdia de Deus»[25]. Por isso a Igreja nos incentiva a «rogar a Deus por vivos e defuntos». Uma das nossas alegrias no Céu será descobrir o bem que fez a tantas pessoas uma brevíssima oração no meio da agitação do trânsito ou dos transportes públicos, às vezes, talvez, como resposta misericordiosa a um gesto pouco amável; a esperança que Deus inspirou, por nossa intercessão, aos que sofriam por qualquer motivo; o consolo que receberam vivos e defuntos pela nossa lembrança – *memento* – na Santa Misa, metidos na oração de Jesus ao Pai, no Espírito Santo.

Acabamos assim este breve percurso pelas obras de misericórdia, que são na realidade «infinitas, cada uma com o seu selo pessoal, com a história de cada rosto. Não são só as sete corporais e as sete espirituais em geral. Ou antes, estas, assim enumeradas, são como as matérias-primas – as da própria vida –: quando as mãos da

misericórdia as tocam e as moldam, convertem-se cada uma delas numa obra artesanal. Uma obra que se multiplica como o pão nas cestas, que cresce desmesuradamente como a semente da mostarda»[26].

*Carlos Ayxelá*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Francisco, 3ª meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016.

[2] O *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* enumera-as assim: ensinar os ignorantes; dar bom conselho; corrigir os que erram; perdoar as injúrias; consolar os tristes; suportar com paciência os defeitos dos outros; rezar a Deus por vivos e defuntos.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 563.

[4] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, 75.

[5] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 273.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 76.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 179.

[8] Francisco, 1ª meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016.

[9] W. Shakespeare, *O mercador de Veneza*, Ato IV, Cena I. Cfr. Francisco, Mensagem para a 50ª Jornada mundial das comunicações sociais, 24-I-2016.

[10] S. Josemaria, Apontamentos tomados de uma meditação, II-1972, citado em *Cristo que passa*, Edição crítico-histórica preparada por Antonio Aranda, Rialp 2013, 8d.

[11] Cfr. *Ge* 9,22-23.

[12] Francisco, Homilia, 28-III-2013.

[13] Cfr. Javier Echevarría, Carta Pastoral, 1-VIII-2007.

[14] Cfr. *2 Cor* 2,15.

[15] Tertuliano, *ad Nationes*, 1, 1. Também Santo Agostinho aborda esta questão em *In Evangelium Ioannis Tractatus*, 89 e 90.

[16] Francisco, Ex. Ap. *Amoris Laetitia* (19-III-2016), 322.

[17] Os salmos referem com frequência esta dificuldade do crente. Cfr. p.ex. *Sal* 42 (41),10-12; 44 (43),10-26; 73 (72).

- [18] *Via-sacra*, VII estação, 3.
- [19] Francisco, *Evangelii Gaudium*, 265.
- [20] S. Josemaria, Discurso no Centro ELIS, por ocasião da sua inauguração, 21-XI-1965 (em *Josemaria Escrivá de Balaguer y la universidad*, Pamplona, Eunsa 1993, 84).
- [21] Missal Romano, Pentecostes, Sequência *Veni Sancte Spiritus*
- [22] Francisco, Enc. *Laudato si'* (24-V-2015), 226
- [23] Francisco, *Evangelii Gaudium*, 274.
- [24] *Amigos de Deus*, 306.
- [25] *Catecismo da Igreja Católica*, 2635.
- [26] Francisco, 3ª meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016. Cfr. *Mt* 13,31-32; 14,19-20.



## Devolve-me a alegria da Tua salvação

*Miserere mei, Deus, secundum misericordiam tuam* – «tem misericórdia de mim, meu Deus, segundo a Tua bondade» (*Sal* 50 (51),3). Desde há três milénios, o salmo *miserere* alimentou a oração de cada geração do Povo de Deus. As *Laudes* da Liturgia das horas recolhem-no semanalmente, às sextas-feiras. S. Josemaría e os seus sucessores, rezam-no todas as noites[1], expressando com o corpo o teor das palavras que compõem este «*Magnificat* da misericórdia», como o chamou recentemente o Papa: «o *Magnificat* de um coração contrito e humilhado que, no seu pecado, tem a grandeza de confessar o Deus fiel que é maior do que o pecado»[2].

O salmo *miserere* submerge-nos na «mais profunda meditação sobre a culpa e a graça»[3]. A tradição de Israel põe-no nos lábios de David, quando o profeta Natã o recriminou, da parte de Deus, pelo adultério com Betsabé e o assassinato de Urias[4]. O profeta não atirou diretamente à cara do rei o seu pecado: serviu-se de uma parábola[5], para que fosse o próprio David a reconhecê-lo. *Peccavi Domino*, «pequei contra o Senhor» (2 S 12,13): o *miserere* – tem misericórdia, *misericórdiame* – que sai do coração de David expressa também sua desolação interior e a consciência da dor que semeou à sua volta. A perceção do alcance do seu pecado – Deus, os outros, ele próprio – leva-o a procurar o seu refúgio e a sua cura no Senhor, o único que pode reparar as coisas: «na Sua presença tranquilizaremos o nosso coração, ainda que o coração nos repreve algo, porque Deus é maior do que o nosso coração e conhece tudo» (1 Jo 3,20).

**Porque não sabem o que fazem**

Do pecado vemos, sobretudo, num primeiro momento, a libertação que parece prometer: emancipar-se de Deus, para sermos verdadeiramente nós mesmos. Mas a aparente libertação – miragem – converte-se, muito pouco depois, numa carga pesada. O homem forte e autónomo, que pensava poder silenciar a sua consciência, chega, tarde ou cedo a um momento em que fica desarmado: a alma não pode mais; «não lhe bastam as explicações habituais, não o satisfazem as mentiras dos falsos profetas»[6]. É o início da conversão, ou de uma das «sucessivas conversões» da nossa vida, que são «mais importantes ainda e mais difíceis»[7].

O processo não é sempre tão rápido como na história do rei David. A cegueira que precede e acompanha o pecado e que cresce com o próprio pecado, pode prolongar-se depois; enganamo-nos com justificações, dizemos para nós próprios que a coisa não tem tanta importância... É uma situação que também encontramos, com frequência, à nossa volta, «num mundo frequentemente duro com o pecador e indulgente com o pecado»[8]: duro com o pecador, porque na sua conduta se percebe claramente quão corrosivo é o pecado; mas indulgente com o pecado, porque reconhecê-lo como tal significaria proibir-se de certas «liberdades». Todos estamos expostos a este risco: ver o feio do pecado nos outros, sem condenar o pecado em nós mesmos. Então não nos falta só misericórdia, tornamo-nos também incapazes de a receber.

A ofuscação do pecado e da tibieza tem algo de autoengano, de cegueira consentida – queremos *não ver*, fazemos que não vemos – e por isso requer o perdão de Deus. Jesus vê assim o pecado quando diz na Cruz: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (*Lc 23,34*). Perderíamos a profundidade desta palavra do Senhor se a víssemos como uma mera desculpa amável, que ocultasse o pecado. Quando nos afastamos de Deus, *sabemos e não sabemos* o que fazemos. Apercebemo-nos de que não agimos bem, mas esquecemos que por aí não vamos a nenhum sítio. O Senhor apieda-se de ambas as coisas e também da profunda tristeza em que ficamos depois. S. Pedro sabia e não sabia o que fazia quando negava o Amigo. Depois «chorou amargamente» (*Mt 26,75*), e as lágrimas deram-lhe um olhar mais limpo e mais lúcido.

«A misericórdia de Cristo não é uma graça barata; não implica trivializar o mal. Cristo leva no seu corpo e na sua alma todo o peso do mal, toda a sua força destruidora. Queima e transforma o mal no sofrimento, no fogo do seu amor sofredor»[9]. A sua palavra de perdão na Cruz – «não sabem o que fazem» – deixa entrever o seu projeto misericordioso: que voltemos à casa do Pai. Por isso também da Cruz nos confia a proteção da sua Mãe.

### **A nostalgia da casa do Pai**

«A vida humana é, de certo modo, um constante voltar à casa do nosso Pai»[10]. A conversão, e as conversões, começam e recomeçam com a constatação de que ficámos, de algum modo sem lar. O filho pródigo sente a «nostalgia do pão recém-cozido que os empregados da sua casa, a casa do seu pai, comem ao pequeno-almoço. A nostalgia é um sentimento poderoso. Tem a ver com a misericórdia porque nos dilata a alma (...). Neste horizonte amplo da nostalgia, este jovem – diz o Evangelho – caiu em si e sentiu-se miserável. E cada um de nós pode procurar ou deixar-se levar a esse ponto onde se sente mais miserável. Cada um de nós tem o seu segredo de miséria dentro... é preciso pedir a graça de o encontrar»[11].

Fora da casa do pai – recapacita o filho pródigo – na realidade está fora da sua própria casa. Redescobre-a: o lugar que se lhe deparava como um obstáculo para a sua realização pessoal revela-se como o lar que nunca devia ter abandonado. Também os que estão na casa do pai podem estar com o coração fora. Assim acontece com o irmão mais velho da parábola: embora não tivesse ido, o seu coração estava longe. Para ele regem também essas palavras do profeta Isaías, a que Jesus se referirá na sua pregação: «Este povo (...) honra-me com os lábios mas o seu coração está longe de mim» (Is 29,13)[12]. O irmão mais velho «nunca diz “pai”, nunca diz “irmão”; pensa só em si próprio, faz alarde de ter permanecido sempre junto do pai e de o ter servido (...) Pobre pai! Um filho tinha-se ido embora e o outro nunca tinha sido verdadeiramente próximo. O sofrimento do pai é como o sofrimento de Deus, o sofrimento de Jesus quando nós nos afastamos ou porque vamos para longe ou

porque estamos perto sem sermos próximos»[13]. Haverá momentos da nossa vida em que, embora talvez nos tenhamos afastado como o filho mais novo, perceberemos mais fortemente até que ponto somos como o filho mais velho. São momentos em que Deus nos dá mais luz: nos quer mais junto do seu coração. São momentos de nova conversão.

Na conversa entre o irmão mais velho e o pai[14], salta à vista, frente à ternura do coração do pai, a dureza do coração do filho: a sua resposta amarga deixa adivinhar como tinha perdido a alegria de estar na casa do seu pai. Por isso mesmo, tinha perdido a capacidade de se alegrar com ele e com o irmão. Para um e outro tinha somente críticas: só via as suas falhas. «Quando a vida interior se encerra nos próprios interesses, já não há espaço para os outros (...), já não se escuta a voz de Deus, já não se goza a doce alegria do seu amor, já não palpita o entusiasmo por fazer o bem. Os crentes também correm esse risco, certo e permanente»[15].

O pai surpreende-se também diante dessa dureza, e procura amolecer o coração daquele filho que, ainda que tivesse permanecido com ele, suspirava – quiçá, sem que ele próprio tivesse muita consciência disso – pelo egoísmo alocado do irmão mais novo; o seu egoísmo era um egoísmo mais «razoável», mais subtil e, quiçá, mais perigoso. O pai procura dar-lhe explicações: «tinha que o celebrar e alegrar-se, porque esse teu irmão estava morto e voltou à vida» (Lc 15,32). Com fortaleza de pai e ternura de mãe, repreende-o, como que dizendo-lhe: Meu filho, deverias alegrar-te: que se passa no teu coração? «Também ele necessita de descobrir a misericórdia do pai»[16]: tem necessidade de descobrir essa nostalgia da casa do Pai, essa dor suave que nos faz voltar.

### **Devolve-me o gozo da tua salvação**

*Tibi, tibi soli peccavi et malum coram te feci*, – «contra Ti, só contra Ti pequei, e fiz o que é mau aos teus olhos» (Sal 50 (51),6). O Espírito Santo, que «convencerá o mundo no que se refere ao pecado»[17], é quem nos faz ver que essa nostalgia, esse mal-estar, não é apenas um desequilíbrio interior; tem a sua origem mais

profunda numa relação ferida: afastámo-nos de Deus; deixámo-lo sozinho, *deixámo-nos sós*. «*In multa defluximus*»[18], escreve Santo Agostinho: quando nos afastamos de Deus, dispersamo-nos em muitas coisas, e a nossa casa se fica deserta[19]. O Espírito Santo é quem nos move a voltar para Deus, que é o único que pode perdoar os pecados[20]. Como pairava sobre as águas desde o início da criação[21], assim paira agora sobre as almas. Ele moveu a mulher pecadora a aproximar-se, sem palavras, de Jesus; e a misericórdia de Deus acolheu-a sem que os comensais percebessem o motivo das lágrimas, do perfume, dos cabelos[22]: Jesus, radiante, disse dela que se lhe tinha perdoado muito porque muito tinha amado[23].

A nostalgia da casa da Pai é nostalgia de proximidade, de misericórdia divina; necessidade de voltar a pôr «o coração em carne viva, humana e divinamente trespassado por um amor rijo, sacrificado, generoso»[24]. Se nos aproximamos, como o filho mais novo, até ao regaço do Pai, aí compreendemos que o remédio para as nossas feridas é Ele próprio, o próprio Deus. Entra então em cena um «terceiro filho»: Jesus, que nos lava os pés, Jesus, que se fez servo por nós. Ele é «aquele que «sendo de condição divina, não reivindicou o direito de ser igual a Deus, mas aniquilou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo» (*Fil 2,6-7*). Este Filho-Servo é Jesus! É a extensão dos braços e do coração do Pai: Ele acolheu o pródigo e lavou os seus pés sujos; Ele preparou o banquete para a festa do perdão»[25].

*Cor mundum crea in me, Deus* – «Cria em mim, meu Deus, um coração puro» (*Sal 50(51),12*). O salmo volta, uma e outra vez, à pureza do coração[26]. Não é questão de narcisismo, nem de escrúpulos, porque «o cristão não é um maníaco colecionista de uma folha de serviços imaculada»[27]. É questão de amor: o pecador arrependido está disposto a fazer o necessário para curar o seu coração, para recuperar a alegria de viver com Deus. *Redde mihi laetitiam salutaris tui* – «devolve-me a alegria da tua salvação» (*Sal 50(51),14*): quando se vêm assim as coisas, a confissão não é uma questão fria, como uma espécie de trâmite administrativo. «Pode fazer-nos bem perguntar-nos: Depois de me confessar, festejo? Ou passo rapidamente a outra coisa, como quando depois de ir ao

médico, se vê que as análises não estavam tão mal, mete-as no envelope e passa para outra coisa?»[28].

Quem festeja, aprecia: agradece o perdão. E vê então a penitência como algo mais do que uma mera diligência para restabelecer a justiça: a penitência é uma exigência do coração, que experimenta a necessidade de apoiar as suas palavras – pequei, Senhor pequei – com a vida. Por isso, S. Josemaría aconselhava todos a terem «espírito de penitência»[29]. «Um coração contrito e humilhado» (*Sal* 50 (51),19) compreende que é necessário um caminho de regresso, de reconciliação, que não se faz da noite para o dia. Como é o amor que tem que se recompor, para adquirir uma nova maturidade, é ele próprio o remédio: «amor com amor se paga»[30]. A penitência, pois, é o carinho que leva a querer sofrer – alegres, sem nos darmos importância, sem «coisas estranhas»[31] – por tudo o que fizemos sofrer a Deus e aos outros. Esse é o sentido de um dos modos que o Ritual propõe ao sacerdote para se despedir do penitente após a absolvição; o confessor diz-nos: «que o bem que faças e o mal que possas sofrer te sirvam como remédio dos teus pecados»[32]. Além disso, «que pouco é uma vida para reparar!»[33]. A vida inteira é alegre contrição: com uma dor confiada – sem angústias, sem escrúpulos – porque *cor contritum et humiliatum, Deus, non despicias* (*Sal* 50(51), 19) – «um coração contrito e humilhado, meu Deus, não o desprezarás».

*Carlos Ayxelà*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, tomo III, Rialp, Madrid 2003, p. 395.

[2] Francisco, 1ª meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016.

[3] S. João Paulo II, Audiência, 24-X-2001.

[4] Cfr. 2 S 11, 2 ss.

[5] Cfr. 2 S 12, 2-4.

[6] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, 260.

- [7] S. Josemaría, *Cristo que passa*, 57.
- [8] Francisco, Homilia, 24-XII-2015.
- [9] Card. Joseph Ratzinger, Homilia, *Missa pro eligendo pontifice*, 18-IV-2005.
- [10] *Cristo que passa*, 64.
- [11] Francisco, 1ª meditação no Jubileu dos sacerdotes, 2-VI-2016.
- [12] Cfr. *Mt* 15,8.
- [13] Francisco, Audiência, 11-V-2016.
- [14] Cfr. *Lc* 15,28-32.
- [15] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 2.
- [16] Francisco, Audiência, 11-V-2016.
- [17] Cfr. *Jo* 16,8. Assim traduz S. João Paulo II estas palavras da oração sacerdotal de Jesus, sobre as quais meditou profundamente na encíclica *Dominum et vivificantem* (18-V-1986), 27-48.
- [18] Santo Agostinho, *Confissões* X.29.40.
- [19] Cfr. *Mt* 23,38.
- [20] Cfr. *Lc* 7,48.
- [21] Cfr. *Gen* 1,2.
- [22] Cfr. *Lc* 7,36-50.
- [23] Cfr. *Lc* 7,47.
- [24] *Amigos de Deus*, 232.
- [25] Francisco, Ângelus, 6-III-2016.
- [26] Cfr. *Sal* 50 (51), 4, 9, 11, 12, 19.
- [27] *Cristo que passa*, 75.
- [28] Francisco, Homilia, 24-III-2016.
- [29] Cfr. S- Josemaría, *Forja*, 784; *Amigos de Deus*, 138-140, acerca do espírito de penitência e as suas diversas manifestações.
- [30] *Forja*, 442.
- [31] *Forja*, 60.
- [32] *Ritual da Penitência*, 104.
- [33] S. Josemaría, *Via-Sacra*, VII estação.

## Epílogo: Maria, Mãe de misericórdia

Quando Gabriel lhe comunica a notícia alegre, o *evangelion* que, da humildade de um povo da Galileia, mudará para sempre a vida dos homens[1], «a Senhora do doce nome, Maria, está recolhida em oração»[2]. O Senhor também escutou Isabel, diz o anjo à Virgem, antes de se retirar. Santa Maria pondera uns instantes as palavras de Gabriel: brota no seu interior uma alegria que lhe dilata a alma e que, simultaneamente, a recolhe em adoração do Deus escondido, *latens Deitas*[3], que agora alberga no seu seio.

Pouco tempo depois, está já a sair para a montanha: a sua prima talvez necessite que lhe dê uma mão; e, ainda mais, necessita também ela de a ir ver, porque não cabe na sua alegria e não sabe de mais ninguém com quem possa partilhar esse feliz segredo, para além de José. Santa Maria é já nesse momento «imagem da futura Igreja que, no seu seio, leva a esperança do mundo pelos montes da história»[4].

Se ninguém como uma mãe se apercebe da alegria de viver que palpita num recém-nascido, a felicidade da Virgem e da sua prima, que as vizinhas de Ain Karim desconhecem, é muito mais intensa: Deus tomou a iniciativa; escolheu a terra fértil da sua generosidade e do seu abandono, e inaugurou nelas [Maria e Isabel] a verdadeira primavera da história. Enquanto o grande mundo procura viver das suas alegrias incertas, neste canto da Judeia estala, silenciosamente, a alegria de Deus. S. Lucas conta-nos que, Maria ao saudar Isabel, S. João Batista dá um salto de alegria no seio da Mãe. Como o profeta David bailava e brincava à volta da Arca da Aliança, assim também agora o maior de «entre os nascidos de mulher», aquele que é «mais do que um profeta» (*Mt 11,9.11*), salta à chegada de Santa Maria, a nova Arca da Aliança. Também nisto, o Batista é precursor do Filho de David; como dirá de si mesmo ao cabo dos anos, ele é «o amigo do



esposo, que (...) se alegra com a voz do esposo» (Jo 3,29). E já agora, ao ouvir a Mãe do Esposo, movido pelo Espírito Santo, é profeta, sem palavras, da alegria do Evangelho.

### **O meu espírito alegra-se em Deus**

«O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso Salvador. Ele desfrutará de ti com alegria, renovar-te-á o Seu amor, regozijar-se-á em ti com canto alegre, como nos dias de festa» (So 3,17-18). S. Lucas tinha bem presente o profeta Sofonias quando relatava estes momentos da vida da Virgem. A alegria, íntima e transbordante ao mesmo tempo, que Santa Maria conteve nos seus dias de viagem a partir de Nazaré, e que se contagia instantaneamente a Santa Isabel e a S. João, encontra agora o seu canal no *Magnificat*, canto de alegria e de misericórdia[5]. «A nossa Mãe meditou longamente as palavras das mulheres e dos homens santos do Antigo Testamento, que esperavam o Salvador e os acontecimentos de que foram protagonistas. Admirou (...) o derrame da misericórdia de Deus sobre o seu povo, tantas vezes ingrato. Ao considerar esta ternura do Céu, incessantemente renovada, brota o afeto do seu Coração imaculado: a minha alma glorifica o Senhor»[6].

«O meu espírito alegra-se em Deus meu salvador». Santa Maria é filha de um povo mediterrânico, de uma terra onde se canta e se dança: a sua emoção íntima, que vem do fundo da alma, exterioriza-se em gestos e exclamações. «Às vezes não vos bastará falar, tereis necessidade de cantar por amor (...) andareis pelo mundo, dando luz, como archotes acesos que deitam chispas de fogo»[7]. A alegria de Maria não se explica apenas porque Deus entrou na sua vida, mas porque, através d'Ela, o Filho de Deus se fez um de nós, «lembrado da Sua misericórdia (...) para sempre».

A Igreja reconhece-se no *Magnificat*, «o cântico do Povo de Deus que caminha na história»[8] e, por isso, relembra-o diariamente no ofício de Vésperas. Com Santa Maria, não canta uma alegria pequena e individual: canta a alegria da humanidade inteira; uma alegria que provém da esperança em «Deus meu salvador». A Igreja *sabe* que Deus é mais forte do que o mal. «O que é fraqueza em Deus é mais

forte que os homens» (1 Co 1,25): a força dos «poderosos» e dos «soberbos de coração», que fazem a guerra «àqueles que guardam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus» (Ap 12,17), e ameaçam esmagar o Amor de Deus, não é mais do que força exterior, ruído, vaidade: «como pó que o vento dispersa» (Sal 1,4).

«A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito»[9]: a misericórdia é o amor alegre de Deus que vem ao encontro de um mundo entristecido, um «vale de lágrimas»[10]. Deus «sai como esposo da sua alcova, alegre, como um herói, a percorrer o seu caminho» (Sal 18 (19),7): vem com o seu carinho, com o seu perdão, com a sua compreensão... Vem, sobretudo, com a alegria do Espírito Santo, caridade incriada, que é a fonte contínua da sua misericórdia, porque só a partir da alegria se tem forças para perdoar sem reservas e sem limites. Esta alegria de Deus é também o horizonte da sua misericórdia, porque nos criou para Ele; quer salvar-nos da tristeza do pecado para nos dar uma felicidade que ninguém nos poderá tirar[11].

Deus confiou esta alegria à sua Igreja, e ninguém a pode tirar, «apesar dos pesares»[12]. Por isso canta com Maria: «hão-de chamar-me bem-aventurada todas as gerações». Todas as gerações dos homens acabam por encontrar na Igreja uma Mãe que, através das crises e tragédias da história, e mesmo no seu sofrimento pelos filhos ou pelos estranhos que a maltratam ou a desprezam, transborda da alegre salvação de Deus, e oferece incansavelmente a todos sua misericórdia. Como Maria no seu *Magnificat*, a Igreja sobrevoa de certo modo a história[13]; Ela guarda a alegria da Ressurreição e vislumbra, entre tanta dor e miséria, tanta santidade oculta e fecunda: a misericórdia de Deus que «se derrama de geração em geração sobre os que O temem».

## Os pobres de Deus

O *Magnificat* está impregnado «da espiritualidade dos *anawim* bíblicos, quer dizer, dos fiéis que se reconheciam “pobres” não só pelo seu afastamento de qualquer tipo de idolatria da riqueza e do poder, mas também pela profunda humildade do seu coração, (...)

aberto à irrupção da graça divina salvadora»[14]. Santa Maria, e nós com ela, não canta a sua própria grandeza: canta a sua pequenez — «a humildade da sua serva» — e as «coisas grandes» que Deus fez n’Ela. «*Magnificat anima mea Dominum*»: todas as gerações e todas as culturas puseram e continuam a pôr música nestas palavras, que poderiam traduzir-se assim: «Que grande é Deus, que bem faz as coisas». O entusiasmo de Maria em Ain Karim ressoará três décadas depois nos lábios de seu Filho, no momento em que, talvez, a alegria de Jesus se expande mais claramente nos evangelhos.

É bonito observar que as notas da sua alegria são as mesmas que no *Magnificat* de sua Mãe: «Naquela mesma hora Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Padre, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos simples» (*Lc 10,21*)[15]. Esta predileção de Deus pelo pequeno encerra um profundo mistério. Deus fica “desarmado” diante dos simples; a sua linguagem, aparentemente ingênua e inofensiva, «derruba do trono os poderosos». A misericórdia mostra-nos o verdadeiro rosto de Deus e o «poder do seu braço», que acaba sempre vencendo. «Da boca das crianças e dos lactentes procuras um louvor contra os teus adversários, para reduzir ao silêncio o inimigo e o rebelde» (*Sal 8,3*).

Quando João envia os seus discípulos a perguntar a Jesus se é Ele «o que há-de vir» (*Mt 11,3*), o Senhor enumera, com palavras do profeta Isaías[16], os sinais da presença de Deus no meio do seu povo, entre os quais brilha este: «aos pobres é anunciado o Evangelho» (*Lc 7,22*). Os pobres, na Bíblia, são aqueles que esperavam a visita de Deus. Zacarias era um pobre e por isso soube que «pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus, o Sol nascente» nos visitaria «vindo do alto» (*Lc 1,78*); Simeão era pobre e, por isso, os seus olhos viram a salvação[17].

Esta pobreza não é miséria da alma, nem estreiteza de vistas; nem significa ausência de letras: os magos de Belém, que pertenciam seguramente à elite cultural da sua terra, eram «pobres em espírito» (*Mt 5,3*); a sua atitude contrasta com a suficiência dos escribas, a ansiedade de Herodes e a curiosidade efémera de Jerusalém onde, passado o alvoroço devido à chegada dos Magos e à sua pergunta

acerca do Rei que estava para nascer, ninguém mais voltou a interessar-se pelo assunto. Estes sábios tinham a simplicidade dos pastores de Belém; tinham coração para entender, olhos para ver, ouvidos para escutar[18] e, por isso, puderam contar-se entre os primeiros a adorá-l'O.

«Pôs os olhos na humildade da sua serva (...). A sua misericórdia derrama-se de geração em geração sobre os que O temem». O olhar misericordioso de Deus pousa naqueles que o podem acolher, porque reconhecem com o salmista: «Eu sou pobre e desgraçado, mas o Senhor cuida de mim» (*Sal* 39 (40),18). Deus “necessita” da nossa pobreza para entrar na alma: «Jesus não sabe que fazer da astúcia calculadora, da crueldade dos corações frios, da formosura vistosa mas vã. Nosso Senhor ama a alegria dum coração moço, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à sua palavra de carinho. E é assim que reina na alma»[19].

### **Filha e Mãe da misericórdia**

Santa Maria é Filha de Deus e Mãe de Deus: *genuisti qui te fecit*[20]; gerou Aquele que a tinha criado e que a tinha redimido, certamente de um modo especial que a distingue de todo o género humano: «Maria recebeu na sua concepção a bênção do Senhor e a misericórdia de Deus, seu salvador»[21]. Ela é por isso a primeira Filha da misericórdia de Deus. E ao mesmo tempo que é Filha, é Mãe do Deus de misericórdia: por isso lhe chamamos *Mater misericordiæ*, Madre de misericórdia. «Dirijamos a ela a antiga e sempre nova oração da *Salve Regina*, para que nunca se canse de voltar para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, o seu Filho Jesus»[22]. S. Josemaría ensinou-nos que «a Jesus sempre se vai e se “volta a ir” por Maria»[23]. A nossa Mãe dissolve a soberba dos nossos corações e ajuda-nos a fazermo-nos pequenos, para que Deus ponha os olhos na nossa humildade e nasça Jesus em nós. Recorramos a Ela com confiança de filhos, em tantos pequenos detalhes de carinho; um, que S. Josemaría aconselhava aos fiéis do Opus Dei é beijar o terço antes de rezar o Salmo 2, às terças-feiras.

Todas as gerações lhe chamaram e lhe «chamarão bem-aventurada», porque «o amor traz consigo a alegria, mas é uma alegria que tem as suas raízes em forma de cruz»[24]: com o seu Filho, Santa Maria sofreu no Calvário «o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina»[25]. A *Piedade*, como veio a chamar-se a cena da Virgem com o seu Filho morto nos braços, expressa intensamente essa participação íntima da nossa Mãe na misericórdia de Deus. «Piedade» traduz precisamente o hebreu *hesed*, um dos conceitos com que a Bíblia expressa a misericórdia de Deus. Na Cruz, desprezado pelos homens, Deus protege mais que nunca «Israel seu servo, recordando a sua misericórdia». Quando os homens se esquecem das misericórdias do Senhor, Deus leva-as ao extremo: «Mulher, aí tens o teu filho (...). Aqui tens a tua mãe» (*Jo* 19,26-27). Estas palavras que el Senhor dizia da Cruz à sua Mãe e a cada um de nós[26], manifestam «o mistério de uma especial missão salvífica. Jesus deixava-nos a sua mãe como nossa mãe. Só depois de fazer isto Jesus pôde sentir que “tudo está consumado” (*Jo* 19, 28)»[27]. Acolhemo-nos à sua proteção, para que nos faça misericordiosos como o Pai: «Ela dilatará o nosso coração e nos fará ter sentimentos de misericórdia»[28].

*Carlos Ayxelà*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. *Lc* 1,26-38.

[2] S. Josemaría, *Santo Rosário*, 1º mistério gozoso.

[3] Cfr. Hino *Adoro te devote*.

[4] Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), 50.

[5] Cfr. *Lc* 1,46-55.

[6] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, 241.

[7] S. Josemaría, *Carta 11-III-1940*, 30.

[8] Francisco, Homilia, 15-VIII-2013.

[9] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 265.

[10] Antífona *Salve Regina*.

[11] Cfr. *Jo* 16, 22.

[12] S. Josemaría, *Cristo que passa*, 131.

[13] No original grego, o *Magnificat* «tem sete verbos em aoristo, que indicam outras tantas ações que o Senhor realiza de modo permanente na história: “Faz milagres...; dispersa os soberbos...; derruba do trono os poderosos...; enaltece os humildes...; aos famintos enche-os de bens...; aos ricos os despede-os sem nada...; auxilia Israel”» (Bento XVI, *Audiência*, 15-II-2006).

[14] Bento XVI, *Audiência*, 15-II-2016.

[15] Cfr. *Mt* 11,25-27.

[16] Cfr. *Is* 42,7.18; 61,1; *Lc* 7,19-20; *Mt* 11,2-3.

[17] Cfr. *Lc* 2,30.

[18] Cfr. *Dt* 29,3.

[19] *Cristo que passa*, 181.

[20] *Missal Romano*, Comum da Virgem Maria, Antífona de entrada.

[21] *Liturgia das horas*, 8 de dezembro, *Officium lectionis*, Antífona.

[22] Francisco, Bula *Misericordiæ Vultus* (11-IV-2015), 24.

[23] S. Josemaría, *Caminho*, 495.

[24] *Cristo que passa*, 43.

[25] Francisco, *Evangelii gaudium*, 285.

[26] Cfr. S. João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia* (17-IV-2003), 57.

[27] Francisco, *Evangelii gaudium*, 285.

[28] S. Josemaría, “El compromiso de la verdad” (9-V-1974), em *Josemaría Escrivá y la Universidad*, Pamplona: Eunsa, 1993, 109.

# Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2021

[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)